

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CAMPUS FREDERICO WESTPHALEN  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO  
JORNALISMO BACHARELADO

JOSUÉ ÂNGELO GRIS

**AS CONTRIBUIÇÕES DO LIVRO BANZEIRO ÒKÒTÓ  
PARA PENSAR O JORNALISMO**

Trabalho de Conclusão de Curso II

Frederico Westphalen, RS  
2023

Josué Ângelo Gris

**AS CONTRIBUIÇÕES DO LIVRO BANZEIRO ÒKÒTÓ  
PARA PENSAR O JORNALISMO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso Jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria, campus Frederico Westphalen (UFSM/FW, RS), sob orientação do Prof. Dr. Reges Toni Schwaab, como requisito parcial para obtenção do grau de **bacharelado**.

Orientador: Prof. Dr. Reges Toni Schwaab

Frederico Westphalen, RS  
2023

**Josué Ângelo Gris**

**AS CONTRIBUIÇÕES DO LIVRO BANZEIRO ÒKÒTÓ  
PARA PENSAR O JORNALISMO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso Jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria, campus Frederico Westphalen (UFSM/FW, RS), sob orientação do Prof. Dr. Reges Toni Schwaab, como requisito parcial para obtenção do grau de **bacharelado**.

**Aprovado em 5 de dezembro de 2023:**

---

**Reges Toni Schwaab, Dr. (UFSM)**  
(Presidente/Orientador)

---

**Marluza da Rosa, Dra. (UFSM)**

---

**Roberto Villar Belmonte, Dr. (UniRitter)**

---

**Angela Zamin, Dra. (UFSM-Suplente)**

Frederico Westphalen, RS  
2023

## **AGRADECIMENTOS**

Às amigas, amigos e colegas, pelo contato diário.

À minha família, pela confiança e esperança depositadas.

Ao Reges, pela gentileza na condução do trabalho e pelas relações estabelecidas.

“Se não se nomeia uma realidade,  
nem sequer serão pensadas melhorias  
para uma realidade que segue invisível”.

Djamila Ribeiro

## RESUMO

### AS CONTRIBUIÇÕES DO LIVRO BANZEIRO ÒKÒTÓ PARA PENSAR O JORNALISMO

AUTOR: Josué Ângelo Gris  
ORIENTADOR: Reges Toni Schwaab

Partindo da urgência em discutir caminhos narrativos para fazer jornalismo em tempos de emergência climática, este trabalho se desenvolve para compreender quais as contribuições do jornalismo ambiental para o jornalismo como um todo. O livro *Banzeiro òkòtó: Uma viagem à Amazônia Centro do Mundo*, de Eliane Brum, é o hospedeiro da discussão proposta e é onde encontramos possíveis respostas aos problemas levantados. Para tal proposição, a análise de narrativa foi mecanismo presente. Considerando os conflitos ambientais e a crise do conhecimento, é refletido aqui sobre o papel desempenhado até então pelo jornalismo ambiental, qual a importância do lugar de fala, da visão sistêmica, do reconhecimento à outridade e da centralidade ocupada pela narrativa jornalística. Na observação das marcas textuais que identificam modos de narrar o ambiental, são apresentados alguns caminhos possíveis para a comunicação. O jornalismo ambiental, a partir da leitura de *Banzeiro Òkòtó*, é exemplo de um jornalismo que faz documento e evidencia a responsabilidade em documentar ambientes emergentes e alternativos.

**Palavras-chave:** Jornalismo Ambiental. Narrativa. Livro de repórter.

**ABSTRACT****THE CONTRIBUTIONS OF THE BOOK BANZEIRO ÒKÒTÓ  
TO THINK THE JOURNALISM**

AUTHOR: Josué Ângelo Gris  
ADVISOR: Reges Toni Schwaab

Starting from the urgency to discuss narrative paths for journalism in times of climate emergency, this work is developed to understand the contributions of environmental journalism to journalism as a whole. The book *Banzeiro òkòtó: Uma viagem à Amazônia Centro do Mundo*, by Eliane Brum, is the host of the proposed discussion and is where we find possible answers to the problems nominees. For this proposition, narrative analysis was the present mechanism. Considering environmental conflicts and the crisis of knowledge, we reflect here on the role played so far by environmental journalism, the importance of the place of speech, the systemic vision, the recognition of otherness and the centrality occupied by the journalistic narrative. By observing the textual marks that identify ways of narrating the environment, some possible paths for communication are presented. Environmental journalism, based on Banzeiro Òkòtó's reading, is an example of journalism that creates documents and demonstrate the responsibility for documenting emerging and alternative environments.

**Palavras-chave:** Environmental Journalism. Narrative. Books written by reporters.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>9</b>
<b>2</b>	<b>CRISE: DE ONDE PARTIMOS</b>	<b>12</b>
<b>3</b>	<b>PENSAR O JORNALISMO</b>	<b>22</b>
3.1	REPORTAGEM, NARRATIVIDADE E INTERAÇÃO	27
<b>4</b>	<b>A REPÓRTER E O FAZER JORNALÍSTICO COMO DOCUMENTO</b>	<b>32</b>
<b>5</b>	<b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b>	<b>37</b>
5.1	JORNALISMO, LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO	39
5.2	A NARRADORA COMO PERSONAGEM	44
5.3	NARRATIVA E CAMINHOS	48
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>59</b>
<b>7</b>	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>63</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A estrutura da grilagem lembra o feudalismo. Entre o suserano e o servo mais humilde há uma teia intrincada de relações de vassalagem. Até hoje, poucas vezes a Justiça conseguiu (ou quis) alcançar os suseranos graúdos, aqueles que fazem política na corte, com mãos macias e palavras escolhidas. Tampouco os homens do comando, que atuam em campo. Em geral, quem é preso nas operações do governo - quando alguém chega a ser preso - são os servos ou vassallos de menor importância. Em 2011, montei essa “árvore genealógica” intrincada ao contar a história de João Chupel Primo, assassinado, e de seu amigo, obrigado a deixar o assentamento onde vivia e fugir, depois que ambos denunciaram a autoridades públicas uma gigantesca operação criminosa de roubo de madeira das unidades de conservação da floresta. (BRUM, 2021, p. 163).

Não vejo o mundo sem a função desempenhada pelo jornalismo, enquanto tentativa de organizar a realidade e como documentarista da atualidade. A atuação de parte do jornalismo atual é questionável, principalmente se considerarmos sob quais condições e modelos financeiros está posto e a quem interessa o enquadramento dado aos acontecimentos, contudo, é importante estabelecer debates em torno da causa, tendo em vista sua melhora.

Imersos em ambientes que exigem instantaneidade e produção de novos conteúdos com rapidez, o jornalismo narrativo e a reportagem, especialmente, encontram-se em cenário difícil. A escrita de textos jornalísticos nem sempre chega ao público de forma ideal, seja por seu conteúdo, seja pela abordagem, no entanto, pode-se valer de artefatos oriundos de outros campos, como a literatura, para encontrar alternativas de escritura. Um dos caminhos possíveis é o livro de repórter, onde há condições para que a jornalista possa criar modos de produção autorais, entretanto, anteriormente aos livros, e junto ao jornalismo, as pautas ambientais são peças fundamentais para o jornalismo atual como um todo. É preciso entender o ambiental como elemento central das discussões, em que as demais editorias apresentam ligações com o ambiente, não somente o ambiental como mais uma seção do jornal.

Mesmo sabendo da emergência para compreendermos o mundo em crise climática no qual vivemos, pautar assuntos ambientais não é unanimidade nas redações - quem dirá receber espaço e investimento para conduzir um trabalho em profundidade -, mas, há exceções. Livros-reportagem e livros de repórter aparecem como opção aos profissionais do jornalismo. Pode-se dizer, no entanto, que escolher pautar o meio ambiente por meio de livros é paradoxal, pois são conteúdos de extrema urgência para o combate às mudanças climáticas que serão apresentados em um material maior que uma ou duas páginas de revista, assim demandando tempo para leitura e interpretação. Para Felipe Boff (2022), é compreensível a escolha por um formato maior, porque o livro de repórter permite à jornalista aprofundar com tempo e espaço a proposta. Segundo Beatriz Marocco (2016), para além do espaço impresso, o livro de repórter condiciona a autorialidade explícita na narrativa

Partindo de um contexto de supervalorização das redes sociais, de desvalorização do jornalismo, de ataques a profissionais do jornalismo, como vivemos há quase uma década, e atravessando uma pandemia, onde houve a necessidade do distanciamento social, o jornalismo atual está em plena metamorfose. É por esse processo de mudanças e desenvolvimento que podemos repensar o fazer jornalístico, tanto no sentido temático a ser pautado, quanto no sentido da narrativa - enquanto formato.

Como parte do processo de mudança, é preciso dedicar-se a abordagens de pautas variadas, a fim de trazer luz às diferentes perspectivas sobre determinado assunto. Como reflete a filósofa e escritora Djamilia Ribeiro (2018, p. 55), “Como negra, não quero mais ser objeto de estudo, e sim o sujeito da pesquisa”. Enquanto parte da comunicação, é possível entender a necessidade de ouvir vozes de dentro de comunidades, coletivos, grupos e ambientes, ou estar em uma posição que conceda propriedade para abordar o assunto. Em trilhos diferentes, porém semelhantes, Sônia Guajajara, em sua transmissão de cargo para ministra do Ministério dos Povos Indígenas, no dia 11 de janeiro de 2023, afirmou que o ministério chega comprometido com “a promoção de uma política indígena, não mais uma política indigenista”, ou seja, não mais apenas uma política para indígenas, mas uma política feita para indígenas e por indígenas. Os espaços de protagonismo clamam por mudança.

Não se pode ignorar a urgência de encontrar maneiras de narrar o ambiente. A causa ambiental já não é mais uma discussão apenas para intelectuais ou ambientalistas, mas para a humanidade toda, inclusive com relação à fauna, flora e demais espécies do ecossistema. Considero que há diversos modos de narrar bem sucedidos, outros nem tanto, contudo, é nosso dever compreender efeitos e infiltrações necessários para alcançar o que se propõe.

As propostas de pesquisar sobre o jornalismo ambiental e de ter um livro de repórter como objeto de análise surgem de uma inquietação pessoal. Desde o início da graduação, principalmente após as disciplinas de reportagem, me incomodava o fato de a maioria dos repórteres autores das matérias ambientais - publicadas em veículos tradicionais, principalmente da região sudeste - serem profissionais que não viviam no local de apuração, mas apenas deslocavam-se por período determinado para produção do conteúdo. Mais recentemente, me cativa compreender a importância do jornalismo ambiental feito por jornalistas imersos no local de apuração, e que, conseqüentemente, têm a possibilidade de produzir conteúdos de maior qualidade, como contribuição ao jornalismo em geral.

Produzir grandes reportagens ou livros de repórter parece algo distante ao jornalismo diário, de *hard news*, entretanto, acredito ser possível conectar os processos de apuração (*hard news* e imersão) como forma de combinar as melhores características de ambos. Assim,

acreditando na possibilidade de, pelo menos, adentrar no debate em torno do jornalismo ambiental de imersão em paralelo ao jornalismo diário, é que confio em *Banzeiro òkòtó: Uma viagem à Amazônia Centro do Mundo* (2021) como um livro que nos aproxima de um fazer jornalístico possível, considerando o cenário pelo qual vivemos. A autora é a jornalista Eliane Brum, que viveu nos dois lados citados: do jornalismo diário - em jornais, como o *Zero Hora* -, e, agora, em imersão, no espaço que move suas narrativas. Brum, em *Banzeiro*, se permite unir diversos recortes da Amazônia. Uma Amazônia atacada por interesses vários, inclusive por elementos governamentais, por meio de manifestações verbais, desmonte de políticas públicas e enfraquecimento da fiscalização ambiental. A jornalista é, ao mesmo tempo, fotógrafa e carpinteira. Fotógrafa pois eterniza no imaginário do leitor o cenário que descreve com ricos detalhes; e carpinteira pois é ela própria quem decide, com propriedade, o tamanho e a forma do enquadramento dado aos fatos, às histórias e às discussões.

Como forma de iniciar a discussão, tendo a me questionar: É possível alguém de fora do ambiente descrever a cena ambiental sem nunca ter estado no local anteriormente? Quais pautas e perspectivas devem ser abordadas? Como saber quem deve ser ouvido? Quem define quem será ouvido? Enquanto profissional, qual estilo de narração será escolhido? Qual o papel do ambiental no processo de repensar o fazer jornalístico? As questões acima são elementos levantados para mover a reflexão, mas podemos direcionar a discussão a partir do seguinte ponto: quais as contribuições de um livro de jornalismo ambiental, feito por jornalista em imersão no local de apuração, para o jornalismo como um todo?

Este trabalho tem por objetivo compreender quais as contribuições de um livro de jornalismo ambiental, feito por jornalista em imersão no local de apuração, para o jornalismo como um todo - para além da reportagem, alcançando, quem sabe, alternativas éticas de produção de um jornalismo para tempo de emergência climática e ambiental. Adiante, abordo brevemente qual a dimensão da crise ambiental, suas causas, conexões e alternativas; o papel do jornalismo como um todo e, em específico, as atuações possíveis do jornalismo ambiental; a reportagem enquanto hospedeira de uma visão sistêmica, onde cria-se espaço para repensar a linguagem e a abordagem; ao conectar os fundamentos teóricos ao objeto, trato brevemente das noções de discurso, intertextualidade e jornalismo literário; ainda, situo o jornalismo feito por Eliane Brum, sua formação e seu último livro, *Banzeiro òkòtó* - objeto de análise deste trabalho; e, por fim, os aspectos dos procedimentos metodológicos são apresentados para subsidiar a análise do objeto de pesquisa, além de indicar os resultados obtidos, esperando que este texto consiga contribuir, por mais pontual que seja, para alguma discussão sobre o jornalismo a partir da pauta ambiental.

## 2 CRISE: DE ONDE PARTIMOS

Uma das maiores mentiras deste século é a afirmação corriqueira de que “na crise climática, estamos todos no mesmo barco”. Não estamos. Mas não estamos mesmo. Como também não estávamos na eclosão da pandemia de covid-19, que desde o início matou mais negros e pobres. E como não estaremos nas próximas pandemias que ainda virão, consequência da destruição da natureza e do processo de circulação capitalista de pessoas e de mercadorias (BRUM, 2021, p. 71).

Coube à nossa era ser marcada pela crise ambiental, para além das possíveis crises econômica e alimentar - consequências cada vez mais próximas -, mas uma crise que pode levar a biodiversidade do planeta ao fim e, por consequência, a vida humana. Repensar o fazer jornalístico faz-se mais que necessário, mas urgente.

Considerando a objetificação do planeta, Enrique Leff (2010) afirma que o mundo, a natureza e os seres humanos foram coisificados, evidenciando que tal processo transformou basicamente tudo em valor econômico. A partir da leitura de “A vida não é útil”, livro de Ailton Krenak (2021), é possível ter a reflexão de que chegamos em um tempo (resultado de tantos anos anteriores), em que as árvores são vistas como fonte de extração, os animais como itens de coleção, os rios e solos como local de invasão e as pessoas como fonte de exploração.

Para Leff (2010), a crise ambiental é em sua essência uma crise de conhecimento, e destaca que a racionalidade econômica não surge de uma evolução natural da razão humana, mas nasce no interior de estratégias de poder que buscaram dominar o sul global, as antigas Índias. Dessa forma, as noções de universalidade do conhecimento, da uniformidade, da ciência e da identidade prevaleceram para conformar uma raça superior a outra, em que para ser respeitado tem que se parecer com o “dominante”. É a partir dessa “ideia do Uno, do Deus único que organiza o mundo em uma unidade” (LEFF, 2010, p. 84) que o universo alcançou a crise em que se encontra. “O mercado se apresenta como um novo deus, capaz de salvar a humanidade da escravidão, da necessidade e da pobreza”, complementa Leff (2006, p. 195).

Segundo Maurício Tuffani (2005), a concepção de mundo de conhecimento foi sacudida pelo movimento inicial de transformações sociais no século XV, e, com isso, a manutenção da ordem feudal e da autoridade da Igreja também foi abalada. A partir de 1453, quando os muçulmanos tomaram Constantinopla, novos povos e costumes foram sendo conhecidos. A ascensão mercantil contribuiu para os espaços econômicos se libertarem das amarras impostas pelo sistema feudal. Assim, surgia toda uma cultura renascentista, com características urbanas e valores burgueses, inclusive, formando uma nova concepção da política - mas ainda relacionada aos princípios da fé cristã. Sob contribuição desse processo renascentista, tornou-se recorrente a aparição de novidades filosóficas e literárias por

intermédio de obras greco-romanas que ficaram guardadas em mosteiros durante séculos. Logo, segundo Tuffani (2005, p. 55), “tornava-se a cada dia mais evidente que a concepção de mundo da Igreja havia por longo tempo predominado pela força da autoridade”.

Para Alexandre Koyré (1979), o homem antigo visava a contemplação natural, já o homem moderno prefere a dominação e a subjugação. Todavia, da mesma forma que não se pode generalizar que todo homem antigo visava à pura contemplação natural, estou certo de que nem todo ser humano moderno deseja a dominação (podemos, sim, indicar que há quem busque incessantemente a dominação, mas não se trata da totalidade). Com o reconhecimento a outras culturas e formas de produção, “conceitos que eram transcendentais passaram a depender da diversidade dos lugares; práticas fundadas na razão passaram a ser costumeiras; e, inversamente, hábitos que se tinham por extravagantes pareceram lógicos, logo que explicados pela origem e pelo meio” (HAZARD, 1971, apud TUFFANI, 2005, p. 55).

Alterar direta e rapidamente o modo com que a humanidade interage com o ambiente e a forma que vê o mundo é quase impossível, no entanto, há caminhos viáveis e pertinentes: um deles é perceber sob quais modos de vida somos impostos - “imposição”, pois, muitas vezes, não se teve opção, principalmente se considerarmos as morais que nos são impostas. Para Cláudia Herte de Moraes (2018), entender a emergência do paradigma ecológico contribui para suprir a falta de visão sistêmica humana, afinal, um paradigma é um modelo de pensamento e de ver o mundo. A noção de paradigma impacta a sociedade como condução do modo e do acesso ao conhecimento. “Pensar o funcionamento dos paradigmas contribui para questionar o que nos é apresentado como modelo vigente, como a visão de mundo ‘padrão’ ” (MORAES, 2018, p. 53). Observar o mundo por meio de um paradigma ecológico pode ser uma alternativa, pois ele busca a ruptura com a visão de mundo mecanicista, inclusive na relação homem e natureza. O paradigma ecológico “vai construir e alimentar um novo entendimento de mundo, uma nova visão, que acentua a responsabilidade social e ambiental, fundamentos na construção do conceito de sustentabilidade” (MORAES, 2018, p. 55).

A partir do que aponta Moraes (2018), Morin (1997) evidencia a importância de uma revolução do pensamento, pois viver em crise ambiental demanda da humanidade união pela busca do reconhecimento às diferentes culturas. “Se a humanidade não conseguir realizar esta unidade, correrá com certeza o risco de se autodestruir em todos os planos: político, biológico e, ousado mesmo dizer, vital” (MORIN, 1997, p. 60). Ao pontuar a interligação entre diferentes sistemas socioambientais, e que são afetados pela problemática de outros, Leff (2006) evidencia a urgência de a sociedade em geral abordar alternativas ambientais democráticas, de forma sistêmica, se estendendo aos trabalhos da comunicação.

Mesmo com a proposição de alternativas, a saída das crises pela quais passamos não se encontra apenas em propor caminhos até então inéditos, mas, principalmente, em ouvir formas de conhecimento até então fora do formato do conhecimento unidirecional para, quem sabe, compreender sob que reais impactos vivemos. “Desta forma, a crise ambiental problematiza os paradigmas estabelecidos do conhecimento e demanda novas metodologias capazes de orientar um processo de reconstrução do saber que permita realizar uma análise integrada da realidade” (LEFF, 2006, p. 60). É preciso repensar a noção de produção sobre bases de sustentabilidade ecológica e equidade social.

A partir do que aponta Tuffani (2005, p. 59), Descartes, convicto de que a verdade se encontra em um caminho somente, afirma que “a diversidade de nossas opiniões não provém do fato de serem uns mais racionais que outros, mas somente de conduzirmos nossos pensamentos por vias diversas e não considerarmos as mesmas coisas”. Assim, não se pode afirmar que há uma verdade absoluta, sendo que os pontos em comparação podem se encontrar em contextos diferentes. Leff (2006) destaca, apesar das diferenças, a necessidade de uma visão sistêmica sobre a pauta ambiental, pois, “a problemática ambiental [...] não pode ser compreendida em sua complexidade, nem resolvida com eficácia, sem o concurso e integração de campos muito diversos do saber” (LEFF, 2006, p. 60).

A simplificação das informações teve suas contribuições ao campo da física e da biologia, entretanto, não se fez suficiente na resolução de problemas em grande escala (GERAQUE, 2005). Todo acontecimento é fruto de uma rede costurada que o gerou. Para entender o meio ambiente, por exemplo, deve-se compreender o contexto que lhe abarca, do que se trata. A produtividade ecológica se conecta com partes da produtividade tecnológica, afinal, não se deve abandonar a todas as alternativas técnicas e científicas, mas, pelo contrário, redirecionar o uso das mesmas para que contribuam para a construção do necessário novo paradigma produtivo (LEFF, 2010). Assim como Guattari (1995, p. 20) defendeu em sua obra que “não se visa, aqui, a ‘ultrapassar’ ou a apagar para sempre da memória o fato freudiano para reorientar seus conceitos e suas práticas para fazer deles outro uso”, aqui não é o espaço para arrematar o debate sobre quais modos de produção estão equivocados e definir um único caminho, haja vista a importância da discussão anterior às conclusões.

Muitas das teorias psicobiológicas são produzidas mesmo sem conhecer as características das relações sociais da produção, da organização cultural (LEFF, 2006). Novamente, resgatamos aqui o detalhe sobre a constituição de grande parte da ciência vigente, que se insere em processos ideológicos e discursivos. A formação de tais processos junto aos processos institucionais e políticos “está regida pelo confronto de interesses opostos

de classes, grupos sociais, culturas e nações”, sendo que as ciências se desenvolvem “por um campo contraditório de formações ideológicas que regem a tomada de consciência e que mobilizam as ações dos agentes sociais, bem como as práticas produtivas de técnicos e cientistas, para a construção de uma racionalidade ambiental” (LEFF, 2006, p. 66).

Aqui, cabe um alerta: que não se cometa o mesmo erro, ao centralizar o planejamento a partir de uma única perspectiva e, por conseguinte, uniformizar o conhecimento. É necessário considerar cada contexto, onde “cada cultura dá significado a seus conhecimentos, a seus saberes, a sua cultura, recriando-a e abrindo o fluxo de possibilidades de coevolução articulando o pensamento humano com o potencial da natureza” (LEFF, 2010, p. 91). O autor reconhece que o processo de reconstrução, substituindo a globalização guiada pelo capital por uma globalização baseada na interconexão entre povos e suas naturezas, é um grande desafio.

É importante que, desde já, nos aproximemos da ideia de que há diversas formas de conhecimento, mas conscientes de que, historicamente, o poder do conhecimento foi centralizado, banalizando o “errado” - a maneira com que a dança da chuva, em geral, foi deturpada e colocada em uma posição em que comumente se entende como sendo sinônimo de desorganização e/ou falta de discernimento é exemplo disso (a noção de chuva é diferente entre populações brancas e indígenas, pois, segundo Braulina Aurora, antropóloga e indígena do clã Walipere Dakenai, a chuva representa a chegada de um tempo de fartura para parte da população indígena). Pouco ou nada é inexplicável, afinal, se não explicado por métodos científicos tradicionais, há culturas que apresentam suas formas de organização do conhecimento, fruto, muitas vezes, da atividade empírica.

Ao mesmo tempo em que há discussões visando alternativas de reconstrução do sistema social, baseado em visões sistêmicas, há, porém, a resistência da epistemologia moderna em renunciar à ambição de unidade, “como se o que nos fornecesse proteção e garantia neste mundo fosse chegar a uma compreensão geral, a um consenso dentro de um conhecimento universal. Foucault já dizia: sentimos pavor diante da diferença.” (LEFF, 2010, p. 99). Por mais racionais e coerentes que os questionamentos em torno da unidade do conhecimento possam ser, não se pode negar a dificuldade em largar sua mão. Como admite Enrique Leff (2010, p. 99), “quando nos reunimos com o objetivo de fazer uma pesquisa interdisciplinar, aspiramos alcançar um discurso comum, uma linguagem comum, um quadro epistemológico comum para que possamos nos entender”. Para encaminhar parte da discussão em torno da pluralidade de conhecimento, é importante considerar o que diz André Geraldo Soares, em “A Natureza, a Cultura e Eu” (2003), pois mesmo com proximidades geográficas, cada povo alimenta sua própria cultura, com distintos modos de entender a vida.

O que para alguns é alternativa de vida sustentável, para outros é apenas vida, pois, por si só, da forma que é desde seu princípio, é respeitosa com os demais integrantes do ambiente, humanos ou não. Ao serem questionados como os não indígenas poderiam colaborar para viver melhor, os indígenas “respondiam: ‘não, não queremos viver melhor, porque é nessa ideia que se gera uma disparidade, uma diferença, uma iniquidade, uma opressão’ ” (LEFF, 2010, p. 104). Por mais que o meio ambiente seja lugar de sustento e moradia para muitos, “é, para outros, apenas lugar de retirada de lucro, deixando para trás os rejeitos e o impacto ambiental. Isso é a lógica do mercado; o fim dos territórios seria uma forma de fazer o produto circular livremente” (FANTE e MORAES, 2018, p. 89). Ter a compreensão de um paradigma ecológico é um exercício constante de reflexão sobre as formas de vida.

O contato entre paradigmas pode ser uma alternativa ambiental. Entender as relações socioculturais a partir de uma visão sistêmica não implica, necessariamente, confrontar os paradigmas e colocá-los em comparação, mas, pode-se buscar a identificação das diferenças como forma de agregar valores por meio das interações - ou talvez nem isso, pois o respeito às diferenças já suporta parte da visão coletiva. “É esse o desafio que propõe uma sustentabilidade sustentada no local, ou seja, na diversidade, diante do mundo unitário que desembocou na crise ambiental” (LEFF, 2010, p. 108). Importante destacar que abrir mão da homogeneidade do mundo confronta a segurança e a estabilidade da norma, pois abre a controversa questão da diversidade e da relatividade dos direitos frente à tal segurança de uma lei positiva e geral.

O estruturalismo, e depois o pós-modernismo, acostumou-nos a uma visão de mundo que elimina a pertinência das intervenções humanas que se encarnam em políticas e micropolíticas concretas. Explicar este perecimento das práxis [práticas/ações concretas] sociais pela morte das ideologias e pelo retorno aos valores universais me parece pouco satisfatório. Na realidade, o que convém incriminar, principalmente, é a inadaptação das práxis sociais e psicológicas e também a cegueira quanto ao caráter falacioso da compartimentação de alguns domínios do real (GUATTARI, 1995, p. 23, grifo do autor).

Para Leff (2010, p. 108), “A racionalidade ambiental é construída nesse diálogo de saberes no encontro da outridade, que leva a redefinir e a reconstruir o mundo por diferentes vias de sustentabilidade, de vida e de convivência do mundo”. Félix Guattari (1995), filósofo francês, afirmava que não pode haver resposta real à crise ecológica sem que seja em escala planetária, sob a condição de que se opere uma verdadeira revolução política, social e cultural, assim, reorientando os objetivos da produção de bens materiais e imateriais. “A questão será literalmente reconstruir o conjunto das modalidades do ser em grupo”

(GUATTARI, 1995, p. 16) - e o jornalismo tem parte nessa responsabilidade de reconstrução.

Sob o conforto da quase obviedade, poderíamos afirmar que a maioria das lutas em grandes escalas não se relacionam diretamente com os contextos das atividades ecológicas e micropolíticas. O diferencial da discussão, porém, pode estar próximo a isso, pois, “os diversos níveis de prática não só não tendem ser homogeneizados, ajustados uns aos outros sob uma tutela transcendente, mas, ao contrário, convém engaja-los em processos de heterogêneses” (GUATTARI, 1995, p. 35). Guattari (1995) defende que, mais do que nunca, não podemos separar a natureza da cultura, sabendo aliar as interações entre os ecossistemas. Ainda, o autor apresenta um excelente exemplo como forma de ilustrar a importância de não dissociarmos da análise os elementos naturais e sociais, pois é preciso agir de forma transversal:

Para simbolizar essa problemática, que me seja suficiente evocar a experiência de Alain Bombard na televisão quando apresentou duas bacias de vidro: uma, contendo água poluída, como a que podemos recolher no porto de Marselha e na qual evoluía um polvo bem vivo, como que é animado por movimentos de dança; a outra, contendo água do mar isenta de qualquer poluição. Quando ele mergulhou o polvo na água "normal", após alguns segundos, vimos o animal se encarquilhar, se abater e morrer. (GUATTARI, 1995, p. 25).

Para que as ações se concretizem, é preciso analisar sobre quais modos as discussões podem ser aplicadas, sempre levando em consideração o ambiente sociocultural em que o público e o sistema estão inseridos. Para Guattari (1995), os movimentos ecológicos tiveram e têm certamente muitos méritos, no entanto, contesta a forma com que alguns conduzem o debate, ponderando que a questão ecosófica é importante demais para ser baseada apenas em algumas correntes arcaizantes e/ou folclorizantes. O autor fez determinada defesa por entender que os mesmos grupos, às vezes, optam por afastar-se de todo e qualquer engajamento político em grande escala. Assim, Félix Guattari evidencia seu reconhecimento à importância de uma visão sistêmica.

“A conotação da ecologia deveria deixar de ser vinculada à imagem de uma pequena minoria de amantes da natureza ou de especialistas diplomados, ela põe em causa o conjunto da subjetividade e das formações de poder capitalísticos” (GUATTARI, 1995, p. 37). Não se trata de propor um padrão de sociedade, mas de assumir o conjunto de componentes ambientais, em que se visa a instauração de novos sistemas de valorização. Além de analisar criticamente parte da condução ambiental até então, Guattari (1995) propõe uma reflexão. Para o autor, a ecologia social deve trabalhar para reconstruir as relações humanas, não podendo perder de vista o poder capitalista, deslocado em busca de maiores domínios territoriais ou de intenção - por meio, muitas vezes, do inconsciente.

Considerando a magnitude e a urgência ambiental que se apresenta para nossa era, o jornalismo - enquanto meio de comunicação e produtor de conhecimento -, não pode abster-se do debate ou, então, seguir no atual modo de produção - o jornalismo ambiental tem muito a contribuir para a discussão. A cobertura de pautas ambientais exige habilidades específicas, pois se trata de ambientes conflituosos, de fluxo de informação não tão acelerado e lugar de interesses vários. Concordando ou não, é interessante considerar o que Guattari (1995) aborda quando cita Walter Benjamin, pois condena o processo de a informação (oriunda do jornalismo diário/*hard news*) ceder lugar à sensação, afinal, esse duplo processo, às vezes, resulta em interpretações imprecisas. “À diferença da informação, o relato não se preocupa em transmitir o puro em si do acontecimento, ele o incorpora na própria vida daquele que conta, para comunicá-lo como sua própria experiência àquele que escuta” (GUATTARI, 1995, p. 54), desse modo, portanto, o narrador pode deixar sua marca na “informação” (a discussão será ampliada mais adiante, afinal, o espaço reduzido e a narração objetiva, características do jornalismo diário, não são necessariamente características presentes no contexto de uma reportagem ou de livro-reportagem).

Ainda em torno das noções de relato enquanto transmissor de informação, agora sob outra análise, Eduardo Geraque (2004) postula que a sabedoria não surge, necessariamente, da erudição, e argumenta que nem mesmo grandes pesquisadores da área ambiental ousariam desafiar os sábios para um debate sobre algo que envolva o cotidiano dessas pessoas, como, por exemplo, os manguezais. “O aprendizado é calcado no empirismo, no contato diário com a natureza, no cheiro do ambiente, nas influências da fase da lua, na oscilação das ondas e na força dos ventos” (GERAQUE, 2004, p. 84). Ângela Camana (2018) considera que os sujeitos que não detêm conhecimento legitimado ou especializado sejam quem melhor conhecem determinado rio, “podendo ampliar as perspectivas da narrativa e, eventualmente, colocar em xeque o que dizem fontes oficiais ou peritas, já que seus dizeres emergem de outra maneira de compreender o mundo” (CAMANA, 2018, p. 132).

Uma das tentativas de unificar o conhecimento pode se dar pelo reducionismo, que é a concepção em que se analisa todos os fenômenos por meio de acontecimentos físicos e de que todas as ciências se resumem à física. Enquanto resultado de tais simplificações e/ou agrupamentos, chega-se a alguma conclusão. “Existe um princípio unificador que trabalha nesses diferentes níveis e os integra em um todo, sobrepondo a todos os componentes meramente físicos de cada um deles” (LIMA, 1991, apud GERAQUE, 2005, p. 75). A realidade é compreendida, portanto, como um sistema organizado, com convenções e leis que atuam em níveis individuais, específicos.

“Essa é a crise do nosso tempo; daí a necessidade de entender suas raízes no pensamento, para aprender a apreender a complexidade ambiental que orienta a reconstrução do mundo atual” (LEFF, 2006, p. 197). Leff (2006) postula sobre a ausência de pertencimento e/ou reconhecimento sentida pelo ser humano, que, para suprir a falta destes elementos (desconexão de suas características com o outro, principalmente), busca uma ideia absoluta, dominante - um norte definitivo. É nesse processo de busca por ordenamento e por controle que tem se objetificado o mundo.

A união entre disciplinas e cientistas, importante para análise do geral, dá origem a um laboratório ideal, pois permite tomar como base um enfoque sistêmico e jornalístico (GERAQUE, 2005). O produtor de sentidos, representado pela figura do repórter científico, nem sempre é bem-vindo, pois tende a uma abordagem unidirecional dos fatos. “Certa dose de historicidade, de contextualização à história científica que se quer contar, pode ajudar bastante o consumidor desses sentidos simbólicos a entender o que ocorre no mundo do mundo pequeno. Mas isso só não basta” (GERAQUE, 2005, p. 77). Por isso, pode-se, no cotidiano do fazer jornalístico, utilizar melhor de maneiras de “entrelaçamento desses contextos com o mundo dos mitos, das inspirações e das intuições [...] ou as ferramentas de expressão experimentadas pelo New Journalism, nos anos 1960 especialmente, poderiam ser mais bem utilizados no cotidiano do fazer jornalístico” (GERAQUE, 2005, p. 77). Ainda segundo o autor, apesar das discordâncias, é preciso que o universo científico se “humanize”.

Seguindo na trilha dos entrelaçamentos, deve-se ter em consideração que as pressões sobre o ambiente são várias. A expansão demográfica contribui para um certo exílio de populações urbanas para comunidades do interior, geralmente dependentes do relacionamento com a natureza, portanto, também afetando o espaço físico do ecossistema. Como exemplo, Geraque (2005) cita de que forma o aumento da miséria em grandes cidades contribuiu para que os desempregados tentassem a sorte na captura de caranguejos ou da pesca, porém, ressalta que, além de aumentar a concorrência - se podemos assim dizer -, trazem métodos e utensílios que visam a expansão de seu capital, para além da sustentabilidade alimentar ou financeira. “Os invasores costumam usar técnicas predatórias” (GERAQUE, 2005, p. 85). Tudo isso, pontua o autor, devido à falta de ambientação com o ecossistema, sem intimidade alguma com o local. Por isso, sem a manha da prática, acabam apelando para ferramentas “inapropriadas”, como a famosa “redinha”.

O conhecimento, vale a pena lembrar, não surge necessariamente de meios eruditos. Eduardo Geraque (2004, p. 99) relata que “Os cientistas até hoje não entendem, mas os pescadores do Médio Solimões podem contar com exatidão a população de um lago apenas

olhando para ele”, e continua dizendo que “antes de acreditar nesse método, os pesquisadores contavam um a um os pirarucus capturados. E quando comparavam seu número com o dos pescadores, constatavam que, entre as várias dezenas de peixes daquela população, a diferença não passava de uma unidade”. O caso citado pelo autor, somado aos anteriormente apresentados, nos permite considerar que é possível construir conhecimento a partir da experiência cotidiana e não apenas de forma erudita - e aqui, claro que com as devidas observações, não se pode considerar no mesmo patamar uma pesquisa científica consistente com qualquer profeta do apocalipse.

Seguindo na lógica de questionarmo-nos, compartilho da seguinte questão: “por que então o jornalismo não pode funcionar com base nesse mesmo conceito de sistema, que procura olhar para o todo sem cortar ou reduzir [...]?” (GERAQUE, 2005, p. 72). O jornalismo não pode ter a ciência enquanto única espiral de conhecimento, como sendo a fonte de conhecimento definitiva e/ou válida. Ainda assim, “mesmo sem sair das chamadas ciências, [...] é possível alcançar profundidade e diversidade tanto de ideias embasadas como de pontos de vista instigantes. Não são apenas dois lados, mas vários. A verdade pode estar próxima de todos.” (GERAQUE, 2005, p. 85).

Considerando o jornalismo um palco de disputas, Ângela Camana (2018) afirma que o jornalismo não é um reflexo da verdade e que “esta compreensão adotada dá ainda mais fôlego para o argumento aqui explorado: se o jornalismo é um palco de narrativas em disputa, as suas pautas primeiras devem dar conta justamente de conflitos e controvérsias – e não de consensos” (CAMANA, 2018, p. 127). A autora segue discutindo a abordagem jornalística em torno de disputas narrativas quando diz:

A análise de situações específicas de disputa demonstra que as dificuldades são distribuídas de maneira desigual entre os atores: é o caso das populações tradicionais, das mulheres e dos mais pobres, que – em função das relações assimétricas que os envolvem – acabam sendo mais afetados por problemas ambientais. Consideramos que cabe também ao Jornalismo investigar e divulgar os conflitos ambientais, mesmo em momentos nos quais o confronto direto arrefeceu, com especial atenção aos sujeitos mais vulneráveis. (CAMANA, 2018, p. 131).

Enrique Leff (2006) diz que para apreender a complexidade ambiental seria preciso entrar em processo de desconstrução e reconstrução do pensamento, assim, reconhecendo os equívocos feitos ao longo da história que estão enraizados em forma de certezas baseados em falsos fundamentos. Não sairemos da crise civilizatória em que vivemos enquanto seguirmos confiando que a objetificação do planeta, a mesma que nos trouxe até a emergência, seria a saída da crise e uma alternativa de futuro. “Esta racionalidade dominante descobre a complexidade a partir de seus limites, a partir de sua negatividade, a partir da alienação e da

incerteza do mundo economizado, arrastado por um processo incontrolável e insustentável de produção” (LEFF, 2006, p. 192).

Para o pensamento crítico, não se pode limitar a compreensão da complexidade ambiental à evolução “natural”, pois esta história já é fruto da intervenção do pensamento humano no mundo (LEFF, 2006). A partir disso, será possível saltarmos da ecologia naturalista para a ecologia enquanto política do conhecimento, num projeto de reconstrução social por meio, inclusive, do reconhecimento da alteridade. “A complexidade emerge como resposta a este constrangimento do mundo e da natureza pela unificação ideológica, tecnológica e econômica. A natureza explode para destravar-se e libertar-se do logocentrismo [...]” (LEFF, 2006, p. 195) e, portanto, abrindo alas para o reconhecimento do potencial da natureza complexa, posicionando o ser ao longo do tempo e projetando-o para o futuro - tudo isso por meio de possibilidades abertas pela fecundidade do reconhecimento à alteridade.

Adiante, a partir do próximo capítulo, discuto o jornalismo ambiental - desde os indícios de seu surgimento, conectando sua condição atual e seus desafios -, além de construir brevemente o debate em torno da reportagem enquanto hospedeira do repensar narrativo e como alternativa à aplicação de uma visão sistêmica no jornalismo.

### 3 PENSAR O JORNALISMO

Não sei se ele sentiu o mesmo, mas ao fim da missa padre Patrício me converteu em sua assistente. Por ter sido flagrada com uma caneta e um bloquinho na mão, era opinião geral que eu estava qualificada para o serviço. Desvesti a jornalista e passei horas registrando batizados de crianças de todos os diâmetros com um sentimento de importância que o jornalismo jamais havia me dado. (BRUM, 2021, p. 162).

É importante ampliar aquilo que se definiu inicialmente como sendo parte do papel do jornalismo: ouvir os diferentes argumentos, reconhecer o outro. Nem todos os argumentos ocupam a mesma porção de representatividade e, por isso, enquanto jornalista, não se pode equipará-los (LOOSE e MORAES, 2018). Em casos que tratem da mudança climática, por exemplo, é preciso compreender que há alguns poucos que se beneficiam com a crise, no entanto, há muitos que são fortemente prejudicados. “Já existem inúmeras pesquisas que revelam que as mudanças climáticas são pauta na mídia apenas quando se trata de eventos internacionais [...], divulgação de relatórios científicos [...] ou em caso de desastres gerados por fenômenos extremos [...]” (LOOSE e MORAES, 2018, p. 120). Enquanto jornalismo, como retratar tais situações? Sob quais abordagens?

Reges Schwaab (2018) lembra que não existem fronteiras geopolíticas nas questões ambientais, nas quais os impactos se espalham sem qualquer barreira, inclusive, alcançando territórios distantes, a começar pelos mais pobres e vulneráveis. Fundamental compreender a cobertura ambiental, enquanto seção temática, como sendo uma das, se não a única, que conecta-se em todas as outras seções. Por isso merece, independentemente da pauta, ser considerada como integrante fixa de uma visão sistêmica. “O jornalismo é uma atividade que permeia todos os assuntos do cotidiano, e entre eles, a questão ambiental precisa estar presente. É essencial pautar, cobrir e divulgar notícias relativas ao meio ambiente” (GERN e LIMA, 2018, p. 25), pois, seguindo uma visão interdisciplinar, deve “perpassar, de forma transversal, todas as áreas de conhecimento” (GERN e LIMA, 2018, p. 28).

“Acompanhando os debates acerca dos problemas ambientais, o jornalismo ambiental como especialização temática da atividade jornalística começou a se configurar na Europa a partir da década de 1960” (BELMONTE, 2017, p. 111). O jornalismo ambiental surgiu atrelado ao jornalismo científico. A cobertura jornalística aprofundada em temas ambientais, no Brasil, ganhou seus primeiros contornos durante a ditadura civil-militar, que incentivou a ocupação do território da região amazônica (BELMONTE, 2020). Os primeiros passos do jornalismo especializado na cobertura ambiental no Brasil se deram com amparo do movimento ambientalista emergente e integrantes de órgãos oficiais e cientistas. Assim, desde seu princípio, a cobertura da pauta ambiental se deu a partir de antagonismos, de um embate

entre militares junto a grupos ocupadores de território - que levaram consigo seus costumes e modo de produção -, em conflito a comunidades originárias da região.

Considerando as possíveis interferências humanas no ambiente, segundo Wilson Bueno (2007), é papel do jornalismo ambiental se engajar política, social e culturalmente, pois, só assim, encontrará forças para resistir a pressões e investidas de interesses externos, seja de governos, seja de grupos de pesquisa - geralmente reféns de interesses maiores. “Não existe (talvez nem possa existir) jornalismo ambiental neutro. Para quê?” (GERAQUE, 2004, p. 100). A participação do jornalismo na cobertura ambiental pode se dar, também, por meio da realidade concreta, sem tanto espaço para utopia, haja vista que fundado na luta pelo acesso digno ao solo, ao ar, à água, à vida como um todo. “O jornalista ambiental [...] tem um compromisso que se estende além da jornada de trabalho.” (BUENO, 2007, p. 36).

Roberto Villar Belmonte (2017) apresenta um breve histórico da relação entre ambientalismo e jornalismo:

No Brasil, o ambientalismo ganhou visibilidade pública a partir dos anos 1970. Eram na época pouco mais de trinta associações da sociedade civil ocupadas com assuntos ligados à proteção da natureza (URBAN, 2001, p. 97), algumas delas já bem ativas e influentes, caso da Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural (Agapan), criada em 1971. Segundo depoimentos de jornalistas que viveram o período, reportagens sobre temas ambientais já eram publicadas com alguma frequência, de norte a sul do País (BELMONTE, 2004), sem, no entanto, configurar ainda o jornalismo ambiental como uma área de especialização. [...] A contaminação em Cubatão (SP), denunciada por Randáu Marques (1994), a poluição da Borregard e as manifestações da Agapan lideradas por José Lutzenberger em Porto Alegre (RS) também foram temas frequentes de textos nesse período. Na Amazônia começavam a trabalhar correspondentes de veículos da região Sudeste. [...] “Em que consistia a inovação? Em expurgar do tratamento jornalístico da Amazônia o tom de exotismo, de colonialismo, de superficialidade e de preconceito da grande imprensa nacional (e internacional)” (PINTO, 2000, p. 6). Outro correspondente do mesmo jornal, o jornalista Elson Martins, criou no Acre, em 1978, o jornal alternativo Varadouro (ALMANACRE, 2015), onde registrou o início da luta de Chico Mendes. Uma nova narrativa ambiental surgiu no Brasil. (BELMONTE, 2017, p. 113).

Nos últimos anos, segundo alguns estudos, como os de Hannigan (1995) e Colombo (2010), a imprensa apresenta a cobertura de pautas ambientais em poucas ocasiões, geralmente em forma de abordagem de eventos importantes ou tragédias ambientais, configurando assim, um jornalismo que entende o ambiental, com elogiosas exceções, de forma limitada, pouco contextualizada e marcado por influências mercadológicas (GERN e LIMA, 2018). Girardi, Massierer, Loose e Schwaab (2012) vislumbram a concepção do jornalismo ambiental como sendo independente, pois está para além de coberturas factuais ou programadas, mas baseada na pluralidade de vozes e na visão sistêmica. “Bacchetta (2000), em linha semelhante, destaca que o jornalismo ambiental ultrapassa o jornalismo científico porque envolve concepções filosóficas e éticas sobre as quais a ciência moderna exclui

expressamente a possibilidade de emitir opiniões” (GIRARDI, et al., 2012, p. 138). Assim, é comum identificar apelos aos repórteres ambientais para que busquem conhecimento prévio, diminuindo, portanto, as chances de se colocarem apenas como porta-vozes das fontes ou reprodutores de supostos consensos, mas, talvez, como narradores protagonistas da narrativa.

Dentre os gêneros textuais do jornalismo, a reportagem é um dos que permitem a melhor abordagem a partir de uma visão sistêmica, podendo conectar elementos que não cabem à notícia ou à nota, por exemplo. Contudo, alcançar a reportagem requer um trabalho dedicado e delicado, pois é um esforço “semelhante ao de cruzar uma trilha de geografia íngreme e bastante exigente: embasamento, observação, pesquisa, método e escritura que não negligenciem a organicidade das relações e nem deslizem em seus deveres” (SCHWAAB, 2018, p. 71). Uma boa reportagem depende de uma apuração bem planejada, bem conduzida e precisa, e centralizada nos gestos de escuta e de observação. O exercício da reportagem que valorize a discussão coletiva das pautas e do processo de apuração contribui para a oferta de um tipo de conhecimento sobre o que está sendo pautado. Ainda, segundo Schwaab (2018), é sempre importante levar consigo as noções de que é preciso propor as conexões em equilíbrio e que a reportagem entregará desdobramentos e repercussões.

Uma reportagem pode ser considerada como parte do jornalismo ambiental quando consegue “mostrar uma visão sistêmica dos fatos; dar conta da complexidade dos eventos ambientais; contemplar a diversidade dos saberes [...]; defender a biodiversidade e a vida em sua plenitude, o que significa deixar de ser imparcial; assumir seu papel educativo [...]” (GIRARDI, 2018, p. 19). Como complemento, Ilza Girardi (2018) pontua que uma reportagem que considera uma monocultura de eucaliptos como floresta, que aborda a extinção de determinado peixe em um rio como sendo algo irrelevante, ou que trata os “defensivos agrícolas” (ao invés de “agrotóxicos”) como algo importante para a produção de alimentos, acaba sendo um desserviço para a educação ambiental do público.

A escolha dos termos é valiosa para a construção dos sentidos. Há no senso comum a ideia de que não basta não ser racista, é preciso ser antirracista. Não basta não ser machista, é preciso ser antimachista. De forma semelhante, há a necessidade de alavancar uma educação ambiental. A educação tradicional não é ambiental - enquanto conscientizadora do sentido da defesa e valorização do ambiente da vida. Soares (2003), a partir da leitura de Eduardo Viola (1991), indica que o adjetivo “ambiental” junto ao termo “educação” evidencia o predomínio de uma educação não ambiental. Nomear as coisas oferece sentidos, e isso se estende ao jornalismo. É indispensável marcar a existência de um jornalismo que se faz plural: antirracista, feminista e, principalmente, ambiental.

Djamila Ribeiro, em *Lugar de Fala* (2021), nos proporciona uma dose de consciência que raramente é encontrada. Ao longo do livro, a autora faz refletir sobre o uso da linguagem dominante como manutenção do poder, e aborda o discurso de acordo com a noção foucaultiana, onde o discurso se coloca como um sistema que sustenta determinado imaginário social. “O falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas a poder existir. Quando falamos de direito à existência digna, à voz, estamos falando de locus social, de como esse lugar imposto dificulta a possibilidade de transcendência” (RIBEIRO, 2021, p. 64). Daí a importância do lugar de fala, não enquanto aptidão para falar ou não em determinado local, mas como sendo o lugar um elemento a ser considerado quando se busca entender o conteúdo, entender a partir de que perspectiva se fala. E, mesmo que indivíduos sob condições hierárquicas ocupem um lugar comum, não se deve equipará-los, pois não se pode negar a dimensão individual (RIBEIRO, 2021).

É comum ouvir ou ver nas redes sociais o argumento de que Fulana está falando a partir das vivências dela. “A experiência de fulana importa, sem dúvida, mas o foco é justamente tentar entender as condições sociais que constituem o grupo do qual fulana faz parte e quais são as experiências que essa pessoa compartilha como grupo” (RIBEIRO, 2021, p. 66). A autora postula que o simples fato de a pessoa ser negra não significa que saberá refletir criticamente sobre o racismo, e exemplifica:

Ela até poderá dizer que nunca sentiu o racismo, que sua experiência não comporta ou que ela nunca passou por isso e sabemos o quanto alguns grupos adoram fazer uso dessas pessoas. Mas o fato dessa pessoa dizer que não sentiu o racismo não faz com que, por conta de sua localização social, ela não tenha tido menos oportunidades e direitos. A discussão é sobretudo estrutural e não "pós-moderna", como os acusadores dessa teoria gostam de afirmar. (RIBEIRO, 2021, p. 67).

Em seu livro, a autora discute sobre feminismos plurais e, por óbvio, faz-se uso de exemplos que permeiam as noções de gênero e de raça. O exemplo acima nos permite refletir também sobre a questão ambiental, pois até posso dizer que nunca derrubei uma árvore ou que nunca utilizei venenos agrícolas em meus alimentos, mas, ao mesmo tempo, não posso negar que a derrubada de árvores e o uso de venenos existem e que interessam a alguns grupos, e mais, que a existência de tais situações também me atingem. Não se pode reduzir a situação - que é parte de um sistema -, a uma única individualidade.

No caso do feminismo, falar de mulheres como sendo universais, não marcando suas diferenças, faz com que apenas parte do “ser mulher” seja identificado (RIBEIRO, 2021). Na esfera ambiental, acontece de forma semelhante. Muitas vezes, se conhece as realidades ambientais a partir do que a mídia tradicional mostra, geralmente em tragédias ou por meio de

“projetos inspiradores”, sem que haja uma cobertura contínua e/ou sistêmica.

O inconsciente coletivo já foi construído para entender determinados assuntos de forma automática. No feminismo, utilizou-se da suposta fragilidade feminina para justificar a proteção paternalista de homens sobre mulheres (CARNEIRO, 2003). No entanto, de quais mulheres estamos falando? Não há uma única forma de ser mulher, em um único lugar, sob uma única condição, financeira ou ideológica. Pode-se estabelecer a mesma dinâmica ao debate ambiental, pois não há um único modo de vida em meio ao ambiente. Novamente, não se pode reduzir o debate a uma única individualidade. É preciso escutar a diversidade.

“De modo geral, diz-se que a mulher não é pensada a partir de si, mas em comparação ao homem” (RIBEIRO, 2021, p. 34). Como são pensados os povos indígenas, as comunidades ribeirinhas, os defensores da floresta, os povos-floresta - segundo indicações de Eliane Brum (2021)? E mais, como são retratados pelo jornalismo? É preciso que o modo de retratar a realidade seja ancorado na multiplicidade das vozes, para contrapor o discurso autorizado e único, pois, “se não se nomeia uma realidade, nem sequer serão pensadas melhorias para uma realidade que segue invisível” (RIBEIRO, 2021, p. 41). Para além de Djamila Ribeiro, a jornalista Flávia Oliveira, durante uma conversa sobre como o povo periférico urbano lida historicamente com a morte e o esquecimento da história individual, fruto da inexistência de lápide, em entrevista ao podcast *Mano a Mano*, publicada em 23 de fevereiro de 2023, pontua a importância de as realidades serem nomeadas. E enquanto parte do jornalismo, devemos pensar continuamente sobre as abordagens a serem feitas, independentemente do contexto, seja de gênero, racial, cultural ou ambiental.

A visão sistêmica é, talvez, o principal caminho visando uma melhor abordagem ambiental. “Fritjof Capra (1982) nos apresenta: em vez de se concentrar em elementos ou substâncias isoladas da natureza ou do meio ambiente, ele enfatiza princípios básicos de organização” (GERN e LIMA, 2018, p. 28). Assim, não se pode pautar uma árvore isoladamente, sem considerar as interações entre a planta e os demais seres vivos, sendo, é claro, nomeados - dando vida ao elemento, até então, esquecido. “Segundo Fritjof Capra (1982), a visão sistêmica refere-se à ideia de que a realidade, no caso, o meio ambiente, é algo que está interligado, conectado e relacionado a tudo, e a Comunicação e o Jornalismo Ambiental devem expor tal” (GERN e LIMA, 2018, p. 29). Nos espaços de formação de jornalismo, tratar do ambiental como especialização ou como contexto em uma pauta, nem sempre é algo tranquilamente aceito, como indica Schwaab (2018), afinal, retomando Djamila Ribeiro (2021, p. 79): “A tomada de consciência sobre o que significa desestabilizar a norma hegemônica é vista como inapropriada ou agressiva, porque aí se está confrontando o poder”.

Seguindo a lógica do jornalismo diário baseado em *hard news* e os valores-notícia (TRAQUINA, 2013), o passado e o futuro não são tão noticiáveis quanto um acontecimento diário. “Como o Jornalismo atua a partir de acontecimentos e não de previsões, tratar dos riscos (sentimento de perigo ou ameaça) e de suas formas de prevenção estão descartados da lógica diária dos veículos” (LOOSE e MORAES, 2018, p. 121), e então, a partir disso, se estabelece um problema ao jornalismo ambiental, haja vista a necessidade de antecipar os acontecimentos. As pautas ambientais merecem um acompanhamento em estado de alerta, pois o jornalismo não pode se limitar a comunicar o que já aconteceu, mas, também, o que o acontecimento representa, o que pode acontecer, e deve se colocar anterior ao fato extremo - a morte - acontecer, ou seja, atuar a partir de uma visão sistêmica. “Defendemos que o Jornalismo Ambiental inclui esforços de reportagem, trabalho de investigação, cobertura de disputas – não cabe a ele só pautas frias de fauna e flora, como informam as práticas correntes associadas a este tipo de especialidade” (CAMANA, 2018, p. 126).

No subcapítulo que segue, a discussão está articulada para aproximar as noções de reportagem, jornalismo narrativo e literatura, afinal, os formatos oferecem ao jornalismo ambiental caminhos para desenvolver seu papel enquanto parte da comunicação. Por fim, articula-se sobre a função do leitor/receptor na construção do texto.

### **3.1 Reportagem, narratividade e interação**

Nos anos seguintes, a tensão só aumentou. E com ela, a violência. Assentados descontentes começaram a ser executados. Em 2011, dois assassinatos aumentaram a certeza do fugitivo de que ele poderia ser o próximo. João Carlos Baú, conhecido como Cuca, foi morto quando dançava em uma festa no assentamento. O primeiro tiro atravessou das costas para o peito. Ele ainda cambaleou até cair metros adiante. Quando virou a cabeça para enxergar quem tinha atirado, foi atingido por dois tiros na orelha. (BRUM, 2021, p. 171).

As notícias diárias são fragmentos da realidade que, se isoladas de seu contexto, podem desinformar, mas, em geral, nos possibilitam a construção da realidade, pois “gradualmente o leitor vai preenchendo imaginativamente as lacunas, construindo conexões, recompondo a narrativa e fazendo a fusão de horizontes [...]” (MOTTA, 2005, p. 39). Para além da factualidade, o conhecimento produzido pelo jornalismo não pode ser limitado aos ditames do atual. Assim, novas escrituras são possibilitadas e, por conseguinte, novas reflexões acerca do fazer jornalístico (BUITONI, 1986). Segundo Resende (2002), ao ampliar o campo de visão para além do hoje, propicia-se que um acontecimento passado possa ser abordado, caso se relacione com o presente. “Não se trata de estabelecer uma ancoragem histórica, mas de descobrir o passado que ainda existe no presente” (BUITONI, 1986, p. 30).

Como complemento, interessante acessar o entendimento do “tríplice presente”, que Motta (2005) traz a partir de Ricoeur (1994), que quer indicar a existência de um presente que abarca elementos passados, presentes e futuros, como forma de melhor elaborar o enunciado.

Oriunda da reflexão exposta anteriormente, percebemos a possibilidade de a reportagem existir, pois traveste-se do caráter informativo, assumindo também o papel da interpretação e, quem sabe, da opinião (RESENDE, 2002). A reportagem se apresenta, em determinadas situações, como um cavalo de tróia chegando no terreno do jornalismo tradicional (predominantemente noticioso, objetivo, factual). E, por adentrar o campo da interpretação, abre alas para uma produção discursiva mais ampla e heterogênea, pois cada enunciador organiza seu enunciado desde algum lugar social.

Resende (2002), ao citar Lyotard (1986), utiliza de uma metáfora de cartas para aproximar seu raciocínio do espaço comum. O autor indica a existência de pluralidades narrativas, que se intertextualizam a cada novo embaralhar das cartas. Cada carta é única e, por isso, aproximam-se umas das outras como forma de agregar valores, não como tentativa de formar unidade. Dessa maneira, deve-se passar a primar pela heterogeneidade e pelas trocas de cartas, que, a cada troca, o “jogador” tem para si - em suas mãos - um novo jogo. “O jogo textual de Tom Wolfe também só se compõem a partir de outras cartas, de outros textos, e é, primeiramente, nos elementos que perfizeram o romance do século XVIII que se podem encontrar dados para jogar com as cartas do novo jornalismo” (RESENDE, 2002, p. 59).

Segundo interpretação de Resende (2002), os textos de Tom Wolfe (considerado pai do *Novo Jornalismo*) têm como proposta ressignificar a notícia, pois não se limitaria ao fato em si, dependendo dos pontos de vista que se fazem presentes na situação. É justamente a partir da compreensão do texto wolfeano que o autor reconhece que para estruturar o discurso jornalístico pode-se fazer uso da pluralidade de olhares, pois a realidade não se esgotaria sob o entendimento de uma única perspectiva.

A tentativa de unir ficção e factualidade nos Estados Unidos dos anos 1960 encontrou em Tom Wolfe sua esperança. Segundo Resende (2002), interessava a Wolfe a possibilidade de algo novo no jornalismo, de usar, segundo o próprio (WOLFE, 1973), vários recursos para instigar o leitor emocional e intelectualmente. Sob esse ângulo, o *Novo Jornalismo* admite a utilização de elementos “externos ao discurso jornalístico tradicional do qual ele também provém, pode ser lido como uma variante dentro de um universo verbal ampliado, como uma manifestação discursiva [...]” (RESENDE, 2002, p. 59). Tom Wolfe aproveitou as fragilidades sociais estadunidenses na década de 1960 para ampliar o vocabulário jornalístico e literário (RESENDE, 2002). A literatura do país, à época, estava em discussão sobre noções de

realidade, verdade, ficção e real. Assim, como forma de aproximar-se do leitor, a literatura encontrou sua alternativa na narração não mais inteiramente ficcional, mas relacionando o enredo com elementos factuais, o que identificava o leitor, aproximando realidades e, por consequência, valorizando o texto. Segundo Resende (2002), a partir da obra de Bradbury (1992) - que apresenta a visão de Wolfe sobre o novo formato produtivo -, o *Novo Jornalismo* poderia utilizar-se de métodos da ficção (que era o registro criativo da época) para agregar interação entre emissor e receptor, por meio da cultura atual.

A aproximação da objetividade jornalística aos métodos literários fornece técnicas de escrita aos “artistas da não-ficção”. “Para Wolfe, são quatro essas técnicas: construção detalhista da cena, registro completo dos diálogos, ponto de vista em terceira pessoa e, por último, registro dos gestos cotidianos e do padrão de vida daqueles sobre os quais fossem ser relatados os fatos” (RESENDE, 2002, p. 63). Ainda de acordo com Fernando Resende, Wolfe abordava os acontecimentos para além do fato - e isso, além de diferenciar o *Novo Jornalismo* do jornalismo tradicional, apresenta-se como um novo estilo narrativo.

Segundo Resende (2002), Vítor Manoel de Aguiar e Silva (1969) - ao parafrasear Roman Jakobson -, indica que a obra literária se caracteriza pelo uso de uma das funções da linguagem: a função poética. “Diante de tal concepção, além de se privilegiar o discurso literário, cuja regra básica parece consistir em se empenhar para tirar a palavra do lugar comum, vê-se a literatura como a atividade discursiva onde se torna possível a criação de um mundo próprio e exclusivo [...]” (RESENDE, 2002, p. 54). Eco diz que é necessário relacionar o discurso, por vezes com características ficcionais, a situações do mundo real, pois “para nos impressionar, nos perturbar, nos assustar ou nos comover com o mais impossível dos mundos, contamos com nosso conhecimento do mundo real [...], precisamos adotar o mundo real como pano de fundo” (ECO, 1994, p. 89 apud RESENDE, 2002, p. 104).

Aproximando a discussão à prática, Resende (2002) indica que devemos entender as narrativas jornalística e literária enquanto discursos, não apenas como gêneros. Abrir o campo de atuação de ambos “não é somente contribuir com a própria ideia de ruptura dos gêneros, mas também pensar esses discursos enquanto variáveis possíveis do solo discursivo como um todo, inserindo-os no universo verbal ampliado” (RESENDE, 2002, p. 34). O discurso jornalístico - como detentor de poder simbólico - mantém relação próxima a seus receptores, afetando suas vidas; e estes, igualmente interferindo na produção jornalística. Fernando Resende (2002) aponta os leitores como reprodutores e reconstrutores do texto, pois podem alterar, também, a estética do texto, ou seja, seu formato, sua apresentação e seus efeitos de sentido, a partir do contato suas experiências individuais.

Agora, retornamos à proposta inicial, em um contexto onde o jornalismo fornece suas notícias enquanto segmentos da realidade e seu público os recebem como forma de preencher lacunas. De forma semelhante, assim é o discurso jornalístico, pois é composto de pedaços cotidianos (modificados por cada camada adicionada ao fato, agregando valor à construção do conhecimento) e composto também pelo público que adiciona camadas à linha do tempo da informação. “Aqui não se busca refletir, tão somente, do ponto de vista daquele que devora esses pedaços com o objetivo de remontá-los em forma de texto, mas também daquele que os engole em forma de palavras já, textualmente, articuladas.” (RESENDE, 2002, p. 40). Aqui não se busca apenas pensar o discurso jornalístico por parte do jornalista, enquanto sujeito do dizer, mas levar em conta o receptor e sua recepção, pois em contextos diversos.

O leitor é peça chave na construção do discurso. No jornalismo, não se apresenta diferente. Um exemplo do contexto comum é a existência de editorias (internacional, política, ambiente, cultura, esporte, música, receitas culinárias, charadas, etc.), que desempenham o papel de buscar a identificação dos leitores, ávidos por se reconhecerem na escritura. São raros os veículos jornalísticos que se fazem de uma única editoria, pois pode não se sustentar abrangendo um público específico e limitado. Ou melhor, até poderia sobreviver, mas não alcançaria a dimensão que demonstra ser capaz. Dessa forma, seguindo na construção da identificação entre emissor e receptor, e retomando o que Djamila Ribeiro (2021) aponta sobre nomear realidades ao discutir racialidade e gênero, é preciso que, ao abordar o jornalismo, identifiquemos os atores do fato, “não só para que se processe a compreensão da notícia, mas para que, ao serem particularizados, possam servir de fonte para a tão propagada verdade jornalística” (RESENDE, 2002, p. 107).

Para além da construção do discurso, enquanto enunciado, há a forma com que este, principalmente em reportagens, é estruturado. Nem sempre o sujeito do enunciado (o narrador) é o mesmo da enunciação (o autor do enunciado). Quer dizer, o jornalista pode organizar seu enunciado - seu texto jornalístico -, mas não necessariamente é a voz que o enuncia (RESENDE, 2002). Geralmente, é dado ao jornalista algumas técnicas narrativas, as quais predominam: uso de lead, pirâmide invertida, narração em terceira pessoa, foco à objetividade e aos dados factuais. O *narrador-jornalista* é uma alternativa à objetividade jornalística, pois apresenta-se como um sujeito que ocupa a posição de observador e produtor da história, subtraindo-se da ação narrada (RESENDE, 2002). Logo, coloca-se como um elemento presente no acontecimento, *in loco*, mas ainda sem participar e/ou ‘interferir’ na realidade. Para Silviano Santiago (1989), em Resende (2002), o narrador, nas condições apresentadas, passa a ser uma figura que busca a compreensão do outro, e não de si.

É possível ser *narrador-jornalista*, assim como é possível ser um jornalista *narrador-personagem*. “O repórter, no texto wolfeano, lançando o seu olhar investigador ao fato que ele apresenta, em vez de ir à cata da desejada imparcialidade, traveste-se de personagem, deixando transparecer a realidade multifacetada” (RESENDE, 2002, p. 73). Segundo Yagoda (1979), presente no raciocínio de Resende (2002), Wolfe fingia escrever cartas, porque as pessoas escreviam seus melhores textos a alguém que lhes compreendesse.

Para Motta (2005), há diferença entre descrição e narração. Descrição, em suas palavras, é “o procedimento representativo de um momento único, estático, temporalmente suspenso, que procura ‘naturalizar’ o discurso e criar o efeito de real pelo excesso de informações geradoras de verossimilhança”; por outro lado, a narração é “o procedimento representativo dominado pelo relato de eventos que configuram o desenvolvimento de uma ação temporal (cronológica) que estimula a imaginação” (2005, p. 25). Uma descrição bem sucedida depende da proximidade e identificação que consegue estabelecer com o receptor e aborda um momento único; já a narração é um conjunto de momentos organizados.

Segundo interpretação de Motta, Mirian Alvares (2000) entende a narração como algo que “configura o relato de forma verossímil de maneira a induzir o leitor a participar como espectador quase presente nos eventos que relata” (MOTTA, 2005, p. 27). Já para Ricoeur (1994), interpretado por Motta (2005, p. 29), “a identidade de um texto narrativo, diz o autor, deve ser buscada no caráter temporal da experiência humana porque qualquer narrativa é sempre um mundo temporal”. Se a narração está intimamente ligada à sequência temporal de nossas vidas, pode-se dizer que é indispensável a presença de elementos que situem o leitor em qual período temporal e sob quais condições está a situação. Uma narração de “invasão à terra indígena por garimpeiros” se apresenta como situação preocupante, mas uma narração de “invasão à terra indígena por garimpeiros equipados de ferramentas, armamentos e transporte aéreo, que se beneficiam do desmonte da segurança pública e da fiscalização do território, durante um governo declaradamente anti-indígena” ganha destaque na construção do conhecimento, pois consegue relacionar o acontecimento aos elementos cotidianos, comuns aos leitores em geral. “O tempo torna-se humano na medida em que é articulado de um modo narrativo e a narrativa atinge seu pleno significado quando se torna uma condição da existência temporal” (MOTTA, 2005, p. 30). Numa tentativa de simplificar o que foi apresentado nos últimos parágrafos, digo que a narração é composta por várias descrições.

Adiante, no capítulo que segue, apresento a repórter Eliane Brum, autora da obra *Banzeiro òkòtó* - analisada por este trabalho. Dessa forma, também é preciso passar por sua trajetória e discorrer, brevemente, sobre seus entendimentos em relação ao jornalismo.

#### 4 A REPÓRTER E O FAZER JORNALÍSTICO COMO DOCUMENTO

Berro Grosso fez então seu primeiro gesto desesperado de resistência. Rompeu a rotina das casas iguais. Construiu na frente e nos fundos uma armação de madeira ao modo beiradeiro, empacotando a casa padronizada em estética da floresta. Pintou de amarelo vivo e assim desafinou toda a rua e desafiou a empresa. Dentro, bem na frente, onde todos que passam pela rua podem enxergar, botou sua canoa a navegar no seco. Aquele enorme objeto sobre o piso de uma casa urbana é como ele mesmo, uma vida deslocada, um fora de lugar, uma alucinação. Foi Berro Grosso que me disse, olhando para a canoa sem rio, que ser pobre é não ter escolha. (BRUM, 2021, p. 115).

Para Eliane Brum, há o bom e o mau jornalismo. “O bom jornalismo é aquele que compreende que a realidade é muito mais complexa do que aquilo que é dito” (BRUM, 2012, p. 89). Alcançar tal tarefa pode exigir do jornalismo mais que apenas uma narração objetiva, mas requisitando a partilha de interpretações e elaborações, assim como no trecho apresentado acima, do livro *Banzeiro Ôkôtô*. Em entrevista a Ângela Zamin, Beatriz Marocco e Julia Capovilla, presente em *O jornalista e a prática: entrevistas* (MAROCCO, 2012), Brum conta sobre seu entendimento de jornalismo, defendendo que é preciso esvaziar-se de preconceitos e de visões de mundo ao ser repórter, pois “se vais cheia, não tem como ser preenchida” (BRUM, 2012, p. 77). Ainda, Brum destaca sobre o papel das perguntas, que, para ela, já são uma forma de controle e, portanto, deve-se ouvir aquilo que o outro diz, ou deixa de dizer - pois ambos são importantes. Entre tantos outros pontos, a jornalista conta que entende o jornalismo como um espaço de acolher a voz de quem não tem sua voz ouvida e que ser repórter é, também, ser “historiador do cotidiano, é o contador da história contemporânea. O que a gente faz é documento” (BRUM, 2012, p. 85). Em *Brasil, construtor de ruínas* (2019), Brum conta que o jornalismo tem como grande desafio a escrita sobre a história em movimento. Na “orelha” desse mesmo livro, há o seguinte trecho: “Em seus textos, a jornalista se move sempre pelas dúvidas, jamais pelas certezas”.

Mais recentemente, no livro *Almoço: uma conversa com Eliane Brum*, de Pablito Aguiar (2022), Brum conta sobre sua relação com as fontes. “Mesmo que a pessoa esteja na rua, a gente bate na porta. Mesmo que essa porta seja invisível” (BRUM, 2022, p. 25), e complementa ao dizer que só conversa com alguém caso a pessoa queira. A jornalista admite que é feita de vozes diversas, das entrevistas que fez, e de perceber como a mensagem foi dita, para além do que ouviu. “Quando as pessoas falam da poética do meu texto, que eu mesma não percebo, ela não é minha. Ela é das pessoas, das vozes que atravessam o meu corpo” (BRUM, 2022, p. 33). O jornalismo de Eliane Brum ultrapassa a técnica jornalística e ocupa sua vida como um todo. Seus trabalhos transparecem seus posicionamentos. Tal postura vai ao encontro do que é questionado por Eduardo Geraque: “Não existe (talvez nem possa

existir) jornalismo ambiental neutro. Para quê?” (GERAQUE, 2004, p. 100). Eliane Brum conta que “como jornalista, meu compromisso foi e sempre será o de olhar criticamente para todos os governos, independentemente se de esquerda ou de direita. Isso não significa que não tenha lado. Significa, sim, que os fatos determinam a minha interpretação - e não o contrário” (BRUM, 2019, p. 8).

Eliane Brum é uma referência de fazer jornalismo para muitos jornalistas em formação. Podemos perceber isso por uma quantidade considerável de trabalhos acadêmicos sobre sua escrita e método. Uma busca no Google Acadêmico, por exemplo, pode servir como ilustração disso. Também fizemos menção ao reconhecimento nos prêmios jornalísticos, o que revela o alcance da escrita que oferece. Para citar alguns trabalhos, temos acesso à monografia de Gabriela Santos Bazzo (2011), “Jornalismo dos invisíveis: os diferenciais no jornalismo de Eliane Brum”, aos artigos “O expediente da argumentação no jornalismo de Eliane Brum: análise de suas colunas ao El País Brasil” (2018) e “O Jornalismo de Desacontecimentos: Um Estudo da Produção Noticiosa de Eliane Brum” (2013), de Tayane Aidar Abib; à entrevista “Eliane Brum e a arte da escuta”, de Agnes Francine de Carvalho Mariano (2011); e aos textos de Marcio Serelle “O outro e o mesmo nas reportagens de Eliane Brum” e “A reportagem autorreflexiva”.

A referência das pesquisas citadas acima, autora de *Banzeiro*, assume características particulares e imprime sua identidade em seus trabalhos. Identidade construída desde seu nascimento no município de Ijuí (RS), em 1966, e que passa por sua graduação em jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Brum trabalhou por 11 anos como repórter do jornal *Zero Hora*, dez anos como repórter especial da revista *Época*, e fez contribuições a diversos jornais internacionais, como o *El País*. Autora de um livro de ficção e sete de não ficção, Brum é uma das jornalistas brasileiras mais premiadas. Em 2007, venceu o Prêmio Jabuti com seu livro-reportagem “A vida que ninguém vê”. Desde 2017, deixou os grandes centros urbanos para viver dentro da Amazônia, em Altamira, no Pará - o município brasileiro de maior extensão territorial. Um dos motivos dessa mudança de vida está registrado no manifesto de um dos seus atuais projetos, a plataforma *Sumaúma - jornalismo do centro do mundo*:

Quando afirmamos que faremos jornalismo a partir do centro do mundo, não estamos usando um truque de retórica. Só há chance de um futuro para as crianças que já nasceram se entendermos que o conceito hegemônico de centralidade está deslocado e precisa ser reposicionado. E é por estar deslocado que chegamos ao aterrador absurdo de uma minoria de humanos alterar a morfologia e o clima do planeta. Os centros mais essenciais de um mundo em colapso climático não são Washington ou Pequim, não são os bunkers do sistema financeiro, mas os enclaves de vida do qual depende a nossa sobrevivência, como os oceanos, as florestas

tropicais, os vários biomas. É isso que mostra a melhor ciência e é isso que apontam os xamãs. E, como jornalistas, nosso lado é o da verdade. (SUMAÚMA, 2022).

Eliane Brum é uma das fundadoras de *Sumaúma*, uma plataforma de jornalismo produzida a partir do que ela propõe nomear como *centro do mundo*, a Amazônia, e que está disponível em língua portuguesa, inglesa e espanhola. O ato de reportar o cenário ambiental amazônico diretamente da Amazônia representa um novo modo de entender o jornalismo. Além do trabalho coletivo e contínuo em *Sumaúma*, Eliane Brum publicou, em 2021, “Banzeiro òkòtó: Uma viagem à Amazônia Centro do Mundo”, um livro que transcende as fronteiras territoriais e aborda assuntos profundos, produzido a partir da Amazônia - sob perspectivas ambientais e locais. “Este livro, em mais de um sentido, carrega o desejo de tornar a Amazônia uma questão pessoal para quem lê” (BRUM, 2021, p. 49).

O livro é o primeiro das obras da repórter publicado pela Companhia das Letras. Em setembro de 2023, foi publicada sua versão traduzida para o inglês. Ao longo de 394 páginas, *Banzeiro* é apresentado em 34 capítulos, que não seguem um padrão em relação ao número de páginas em cada seção. Os capítulos são identificados com seu título e seu número, entretanto, a numeração não é sequencial nem faz referência direta à escrita que segue. Por exemplo, os três capítulos iniciais são: “11. onde começa um círculo?”, “31. desestrutura” e “2. o clitóris e a origem da floresta”. Por não serem sequenciais, é possível lê-los em ordem aleatória, sem necessariamente seguir a ordem proposta pela autora.

As “orelhas” do livro destinam-se a apresentar brevemente a autora e a obra. Um trecho registrado nesse espaço diz:

As descobertas e os dilemas aqui compartilhados por quem ousou se tornar um novo ser na convivência com mundos diversos e teceu outras formas de se compreender nesses mundos faz de *Banzeiro Òkòtó* um livro único. A partir dessa vivência radical, Brum busca palavras e conceitos para enfrentar o desafio da linguagem, campo estratégico de disputa política para a criação imediata de sociedades aptas a imaginar um futuro capaz de intervir no presente.

Do início ao fim da obra, Brum faz uso de uma escrita inclusiva como caminho para discutir a linguagem e seus sentidos. Por exemplo, ao invés de “humanos”, a autora prefere “humanes”:

Neste livro, escolhi buscar a chamada linguagem inclusiva ou neutra, uma busca que responde à necessidade de usar outra linguagem para acolher outras vidas e criar outros mundos. Usei-a sempre que possível, porque ainda estou Tateando. Imagino que a maioria vai estranhar e até ficar incomodada no início da leitura, como aconteceu também comigo. Estranhar é preciso. O que não nos provoca estranhamento não nos transforma. (BRUM, 2021, p. 5).

É um livro do que chamamos de jornalismo ambiental, que aborda passado, presente e

futuro - mas de forma alternativa ao convencional. Temos o *passado* enquanto explicação ao cenário atual, aquilo que aconteceu anteriormente e que permanece atualmente por meio de suas consequências. O *presente* mais aprofundado, não como uma denúncia do jornalismo diário que repercute e recebe providências nos dias seguintes. É tido em formato de denúncia, sim, mas é mais documento que denúncia. E o futuro aparece enquanto previsões - como já abordado, o jornalismo (em geral) não está acostumado a falar de previsões, entretanto, acredito que chegou o momento de nos basearmos no modo de fazer jornalismo ambiental.

A obra permite o/a leitor/a viajar entre diversos mundos e acessar outras visões de mundo. Nela, o jornalismo é entendido para além das pautas rotineiras e dialoga com uma linguagem diferente da tradicional, afinal, para além da escrita inclusiva adotada por Brum, a autora busca dar nome às coisas: *humanes, mais-que-humanes, gafanhotos da amazônia, entres da floresta, povos-floresta, rios voadores, altamiracles, translingue*, etc.

*Banzeiro Òkòtó* tem em suas três primeiras linhas um início de material que resolve o primeiro dos estranhamentos, afinal, não nos é ensinado nas escolas o significado de “banzeiro”: “Banzeiro é como o povo do Xingu chama o território de brabeza do rio. É onde com sorte se pode passar, com azar não. É um lugar de perigo entre o onde se veio e o aonde se quer chegar” (BRUM, 2021, p. 9); e termina sem terminar, pois segue atravessando: “Este livro é tudo menos algo definitivo sobre a Amazônia [...]. Minha escrita se faz por atravessamentos - de campos de conhecimento, de experiências, de geografias, de gentes, de sensibilidades, de tempos. De corpos. Minha escrita é transcrita. Terminei este livro no meio.” (BRUM, 2021, p. 377). Em *Banzeiro*, Eliane Brum conta muitas histórias e, a partir delas, reflete sobre os modos de vida, faz resgates históricos, repensa linguagem. É também durante a obra que a repórter discute seu fazer jornalístico e o papel a ser ocupado pelo jornalismo.

Segundo Felipe Boff (2022), *Banzeiro òkòtó* retrata a confusa relação entre homem e natureza. Apresenta enfaticamente a emergência ambiental por meio dos cenários de destruição, suas consequências climáticas e humanitárias - em geral -, e, em específico, aos povos locais. “É paradoxal que Brum recorra a um livro para denunciar uma questão urgente. Mas é compreensível. O livro-reportagem fornece espaço e liberdade suficientes para a proposta da jornalista.” (BOFF, 2022, p. 9). Para além de um livro-reportagem, *Banzeiro* pode ser considerado um livro de repórter, pois, como indicado por Marocco, Zamin, Silva (2019), o formato permite à narradora uma posição crítica das leis do jornalismo e da criação de alternativas de apuração. “Tal atitude, de imediato, faz emergir a condição subalternizada da subjetividade do agente nos processos cognitivos de leitura e narração da realidade” (MAROCCO, ZAMIN, SILVA, 2019, p. 39). De acordo com Marocco (2016), o livro de

repórter coloca a jornalista em condição de criar modos de produção autorais.

Gumersindo Lafuente, em *O jornalista e a prática* (MAROCCO, 2012), afirma que os livros de repórter alimentam a prática jornalística, e indica que o “saber jornalístico está em livros de bons jornalistas, não em livros de teóricos do jornalismo. [...] qualquer estudante de jornalismo aprende mais do que lendo qualquer livro de teoria da redação jornalística. Estou absolutamente certo disso” (LAFUENTE, 2012, p. 219-220). *Banzeiro òkòtó* é um destes livros de bons jornalistas, como Eliane Brum, que se coloca como parte da intriga. Eu diria que o *Banzeiro* é um convite à indignação. Suas experiências e sensações estão explícitas e, o mais importante, conectadas com a trama, como, por exemplo, no seguinte excerto:

Lembro de ter ficado desnorçada ao ver centenas de latinhas e garrafas PET encalhadas na beira do Riozinho quando a festa acabou. Era uma pequena grande cena com mais significados do que fui capaz de decifrar naquele momento. Lembro também de sentir saudades do barulho dos pés que se arrastavam no forró na casa do seu Herculano, em 2004. O som era o dos pés descalços na terra nua, e jamais vou saber reproduzi-lo, mas era tão bonito. E então o barulho das caixas de som e dos artistas contratados na festa de 2014. Sei que a vida muda e provavelmente a comunidade de hoje prefere assim, mas senti um luto, uma saudade e também um medo. (BRUM, 2021, p. 159).

“A reportagem, gênero característico de Brum, é aqui compreendida como uma prática de fronteira (BOFF, 2011). Não uma fronteira no sentido excludente do colonialismo, mas sim no sentido de zona de contato onde se realizam trocas sùgnicas entre sistemas [...]” (BOFF, 2022, p. 17). Dessa forma, *Banzeiro Òkòtó* não é uma obra que delimita acontecimentos e/ou culturas, mas é um texto de borda - onde há o encontro de perspectivas. Transgredir a objetividade jornalística, como feito por Brum, é uma afronta ao sistema, no entanto, segundo Boff (2022), a transgressão faz-se necessária, pois, sem ela não há reconfiguração e evolução.

No próximo capítulo, apresento quais os procedimentos metodológicos utilizados nesta pesquisa. Considerando o *corpus* selecionado e as noções já apresentadas, a análise de narrativa está presente. Segundo Motta (2012), “Estudar narrativas é compreender o sentido da vida. [...] analisá-las é interpretar as ações dos homens e as relações sociais, compreender o ser humano e o mundo onde ele vive”. Partindo da noção de que o jornalismo é parte constante do cotidiano, pode-se concordar que estudar a narrativa produzida por jornalistas é, também, estudar a narrativa que chega às pessoas e que é parte do ciclo de conhecimento.

## 5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O primeiro sinal foram as pombas. Eram pássaros doentes, visivelmente afetados pela corrosão ambiental com suas penas desiguais e sujas. E elas estavam por todos os lados. Quando eu acordava na madrugada, as pombas já estavam lá fazendo aquele ruído que, para mim, tornou-se o som do apocalipse. Arranhando o teto sobre mim, às dezenas. Unhas e bicos afiados riscando o chão que era a minha cabeça. Rascantes. Arrulhando sua comunicação abafada e incessante. Eram também elas um exército de desesperadas, muito organizadas, talvez as melhores sobreviventes que conheci. Eu me sentia como a personagem de Hitchcock. Elas me espreitavam dia e noite, para onde eu olhava havia mais de uma. Sentia-me vigiada. E aquelas unhas e bicos raspando o teto. E raspando. Eram alienígenas na Amazônia, planeta ao qual não pertencem. Invasoras que não pediram para estar ali, mas, ao estar, assumiram a vida feroz. (BRUM, 2021, p. 278).

Segundo Bruno Leal (2022), a imagem do cotidiano, nos estudos em Comunicação, é relacionada aos acontecimentos. A noção de acontecimento, por sua vez, é aquilo que é excepcional. Dessa forma, entende-se as situações corriqueiras - cotidianas - como sendo amorfas, habituais, a partir das quais não se produz nada de relevante a ponto de ser noticiado. Na direção contrária, algumas outras perspectivas, ainda segundo Leal (2022), apontam que “cotidiano” não é sinônimo de “banal”. Tendo em consideração que o cotidiano é uma construção cultural, pode-se dizer que há um sentido contido naquilo que entendemos como “banal”, que não precisa ser noticiado por ser algo natural. Quem se beneficia com a naturalização de alguns fatores pode ser tema para outra discussão. No momento, focamos na ideia de que há sentido carregado naquilo a que estamos acostumados e nos passa despercebido. Eliane Brum é uma das exceções que voltam seus olhares para o “banal”, como, por exemplo, no trecho acima.

Segundo Leal (2022), narrar está conectado à apreensão e à inteligibilidade das coisas e de nós mesmos. Para o autor, o sentido do mundo é dado, também, pela narrativa que construímos. “A narrativa é um fenômeno que transcende em muito o fazer jornalístico e sua conformação textual. Narrar é estabelecer um modo de compreensão do mundo, de configurar experiências e realidades, de comunicar-se com o outro” (LEAL, 2013, p. 28). A narrativa se apresenta como modo de apreender o mundo e significar a vida por meio de representações, afinal, narra-se aquilo que não se faz materializado momentaneamente. Para Motta (2012, p. 28), “Representar é colocar algo no lugar do outro, criar um símbolo que é tomado como o próprio outro” e segue indicando que o ser humano constitui o mundo por meio de narrativas, pois permite-se selecionar quais e de que forma os elementos do acontecimento serão retratados. Ainda segundo Motta, a narrativa se coloca como parte essencial, visto que sem ela não há o que chamamos de “realidade”, pelo menos para os humanos.

Nesse momento, narrar se revela uma operação delicada, complexa, pois é através dela que diferentes acontecimentos são articulados e, assim, tornados inteligíveis.

Isso é dizer, então, que toda narrativa é um agir em relação aos acontecimentos, ou seja, envolve um esforço para sua apreensão, no qual a linguagem é também acionada. Assim, pode-se dizer que narrar é “imitar” a realidade, “imitar” a ação. Ao produzir a intriga, ao agenciar fatos, a narrativa produz uma representação, uma imagem desses acontecimentos e daqueles ali presentes. No entanto, se narrar é agir, essa “imitação” é inevitavelmente criativa, pois não apenas oferece entendimentos acerca dos fatos como os articula de modo peculiar e próprio. Assim, a representação narrativa não é em momento algum espelhamento, reflexo, mas um gesto criador de realidades, de mundos, de entendimentos. (LEAL, 2013, p. 34).

Para Carvalho (2013), os textos, enquanto mediadores do social, articulam as informações oriundas das diferentes versões, individuais e coletivas, e as compartilham para além do limite de seus locais de gestação. Quer dizer, “desse modo, uma narrativa é polifônica não pela quantidade de personagens, narradores ou autores que nela desfilam, mas pela multiplicidade de pontos de vista sociais que faz emergir” (CARVALHO, 2013, p. 54).

Motta (2012, p. 24) postula que “nossa descrição de nós mesmos é pontuada pela percepção e relato de uma série de incidentes que pontuaram o fluxo regular de nossa existência no passado, e redirecionam nossas vidas: nossos pontos de virada” e que “nossas narrativas nos instituem e constituem. Por isso, os psicanalistas, no divã, nos solicitam sempre contar a eles estórias de nossa vida. Eles sabem que destacaremos certos momentos positivos ou negativos, que ajudam a desvelar quem somos”. Ao contar sobre seu processo de apuração e entrevista, Eliane Brum, no livro “O jornalista e a prática”, organizado por Marocco (2012), destaca a necessidade de atenção às perguntas que serão feitas. “Porque o que a pessoa me mostra - e o que ela não me mostra - são coisas muito importantes para começar a entender como ela entende aquele mundo” (BRUM, 2012, p. 79).

A partir das noções em torno da construção das narrativas e aliado ao trabalho de Eliane Brum em seu modo de fazer jornalismo, analiso o livro da repórter, *Banzeiro òkòtó: Uma viagem à Amazônia Centro do Mundo*, para compreender como a jornalista-autora constrói sua narrativa, enquanto constituinte de realidade. Para tal tarefa, li o livro em questão na sua íntegra três vezes, passando por suas 382 páginas. Como maneira de organizar meus destaques, sublinhei trechos e os dividi por categorias com auxílio das cores azul, verde e rosa. Nem todos os trechos selecionados foram trazidos para dentro desta análise, mas foram cruciais para estimular as reflexões que surgiram a partir da leitura. Os resultados da análise estão organizados em três subcapítulos - abordados a partir de agora: 1) jornalismo, linguagem e comunicação (onde trato dos comentários feitos pela autora sobre a atuação jornalística); 2) a autora como personagem (reflexões sobre a participação da repórter nos acontecimentos narrados); 3) narrativa e caminhos (mecanismos alternativos de narração).

### 5.1 Jornalismo, linguagem e comunicação

O Xingu, o rio ao qual o menino deveria pertencer, é um dos mais fabulosos, e a Amazônia é a floresta mais biodiversa do planeta. Mas o menino já nasceu deflorestado.

Altamira é o município que mais mata e também o que mais desmata na Amazônia, expondo a relação direta entre matar e desmatar. ‘Desmatar’ é um dos verbos mais tortos da língua portuguesa. Ele diz o contrário do que faz. (BRUM, 2021, p. 224).

Há um capítulo específico neste trabalho sobre a crise que estamos vivendo. Crise ambiental - evidentemente -, mas, também (e talvez principalmente), uma crise de conhecimento (LEFF, 2010). Em situações como a atual, é indispensável entender como chegamos ao estágio atual e, enquanto jornalistas, assumir o compromisso de manter acesa a chama que cativa a curiosidade em busca da compreensão em relação ao mundo, à malha social e à relação entre as espécies humanas e *mais-que-humanas* - como definido por Eliane Brum. Antes mesmo de encontrar saídas à crise, o passo inicial para os estudos na comunicação é reconhecer a parcela de responsabilidade que carregamos.

Historicamente, ensinou-se que há certo e errado, sem muitas variações. Ser *correto* em suas atitudes representava fortalecimento a alguns modelos sociais e reforçava violências aos já oprimidos. Em casos no jornalismo, ainda há enquadramentos e pautas que reforçam estigmas que violam a dignidade de determinada cultura. Enrique Leff (2010, p. 91) reforça que “cada cultura dá significado a seus conhecimentos, a seus saberes, a sua cultura, recriando-a e abrindo o fluxo de possibilidades de coevolução articulando o pensamento humano com o potencial da natureza”. No caso ambiental, como indicado por Ilza Girardi (2018), uma reportagem que considera uma monocultura de eucaliptos como floresta, ou que aborda a extinção de determinado peixe em um rio como sendo algo irrelevante, acaba sendo um desserviço para a educação ambiental do público. É papel do jornalismo ir além do acontecimento. Toda pauta exige conhecimento prévio.

Félix Guattari (1995, p. 16) afirma que “a questão será literalmente reconstruir o conjunto das modalidades do ser em grupo”. Para Fernando Resende (2002), é a partir da compreensão do texto de Tom Wolfe que pode-se utilizar da pluralidade de olhares para estruturar o discurso jornalístico, pois a realidade não se esgotaria sob o entendimento de uma única perspectiva. Por isso, é defendido aqui que o jornalismo nos formatos mais longos que nota e notícia seja aprimorado, pois são esses formatos (mais longos) que dispõem da capacidade de contemplar mais a fundo a pluralidade. Conhecendo as opções, considero que o exercício da/o repórter faz-se elemento central de mudança e entendo a reportagem enquanto hospedeira de uma visão sistêmica, por suas dimensões espacial e temática.

Eliane Brum reflete sobre a comunicação de maneira geral e complementa quando aprofunda suas análises em relação ao jornalismo. Dentre os pontos levantados, há duras críticas ao modo como a imprensa está estabelecida. Suas críticas, vale destacar, são no sentido de reconhecer que há necessidade de mudanças e, praticamente todas, são acompanhadas de sugestões e caminhos a serem adotados. A criticidade de Brum está relacionada à tal imparcialidade do jornalismo e a impessoalidade das palavras, como características que reforçam paradigmas de *correto* e *errado*; reforçando a uniformidade do conhecimento, contribuindo, portanto, para a já existente crise do conhecimento. Também, a repórter autora de *Banzeiro* destaca que o jornalismo brasileiro costuma cobrir questões ambientais somente em momentos de emergência, e indica que a centralidade geográfica da imprensa, nos estados de Rio de Janeiro e São Paulo, não é positiva quando se quer alcançar a pluralidade de ideias. Para adiantar um dos exemplos abordados a seguir, cito o que Brum (2021, p. 303) diz: “Acho esse atravessamento necessário e interessantíssimo e torço para que saibam que o jornalismo, como ainda está dado, é uma invenção de branco.”

Na disposição de trechos que segue, em ordem crescente do número da página, estão colocados alguns exemplos das análises feitas por Eliane Brum e que vêm sendo debatidas nos parágrafos anteriores. O material a seguir é resultado de leituras e releituras do livro *Banzeiro Òkòtó* e foi idealizado a fim de ilustrar as discussões trabalhadas até aqui, evidenciando suas críticas à imprensa em suas abordagens e centralidades, e como modo de organizar a interpretação analítica desenvolvida a partir dos objetivos desta pesquisa.

TRECHOS	PÁGINA
“Entes e entres contra outros, essa foi a grande guerra das últimas décadas, mas a maioria dos brasileiros, incluindo grande parte da imprensa, preferiu ignorá-la e extasiar-se com blockbusters como <i>A guerra dos tronos</i> , sem perceber e dar o real significado a algo fantástico que acontecia em seu próprio tempo e, pelo menos geograficamente, muito mais perto.”	96
“Foi só a partir dos primeiros murmúrios do impeachment de Dilma Rousseff que bater em Belo Monte na imprensa virou uma atividade corriqueira, estimulada e estimulante. A mesma imprensa que havia ou calado ou deixado de investigar ou defendido a obra passou a denunciar o que já era sabido como se nunca tivesse feito o exato oposto.”	126
“O cientista [Antonio Nobre] foi atacado por alguns veículos e jornalistas da imprensa brasileira, que distorceram o que ele escreveu. É razoável supor que parte deles se movia por pressão dos anunciantes, cujos interesses conectados à	126

Amazônia eram contrariados.”	
“[...] fazer reportagem na Amazônia é caro e os jornais viviam em crise profunda do modelo de negócios. Em minha opinião, havia - e ainda há - uma considerável ignorância de parte da imprensa, baseada no Centro-Sul do país, especialmente em São Paulo e no Rio de Janeiro, sobre a Amazônia.”	138
“De todos os lugares do Brasil e de diferentes países, jornalistas me ligavam querendo saber onde estava o fogo, no melhor estilo “liga o Waze e vai”. [...] Como não estava, e precisavam cumprir o deadline imposto por chefes, que tampouco faziam ideia de como a floresta é, eles se arriscavam.”	138
“Outra jornalista tentou chegar a Altamira e acabou confundindo Amazônia, a região, com Amazonas, o estado.[...] Outros achavam que dava para resolver tudo em dois dias - e de táxi.”	139
“Também era uma vitória minha e de Lilo Claretto como repórteres, ao realizar nosso papel de ponte entre os mundos, atravessando os Brasis para alcançar as vozes da comunidade beiradeira e carregá-las aos ouvidos das autoridades num volume alto demais para ser ignorado.”	156
“Desvesti a jornalista e passei horas registrando batizados de crianças de todos os diâmetros com um sentimento de importância que o jornalismo jamais havia me dado.”	162
“Quando a luta antirracista ganhou nova ênfase, no início deste século, e as ações afirmativas do governo Lula foram violentamente criticadas pela imprensa liberal e por intelectuais [...]”	183
“Em São Paulo, o provincianismo nas redações era diferente, mas vendido como um traço cosmopolita. Tudo o que importava falava inglês, e tudo o que falava inglês era melhor, mesmo que não fosse. Fiquei assustada com a quantidade de palavras em inglês que meus colegas usavam para falar em português. As reuniões de pauta eram pontuadas por jargões corporativos em inglês, que faziam com que eu me sentisse analfabeta até compreender que a língua inglesa, obviamente, era um instrumento de poder para marcar uma posição de classe.”	190/191
“Ainda que não exista imprensa realmente nacional no Brasil, na medida em que quase 100% ou mesmo 100% dos jornalistas dos jornais que assim se apresentam estão em São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília [...]”	192
“A força dessa voz [de João] me impeliu a transgredir e atravessar as fronteiras do território circunscrito, que é o jornalismo, para começar a inventar algo que não existia e que jamais poderia ser inventado com uma voz só. Havia de ser como rede tecida voz a voz.”	262

“Acho esse atravessamento necessário e interessantíssimo e torço para que saibam que o jornalismo, como ainda está dado, é uma invenção de branco.”	303
---	-----

Quadro 1: Análises sobre jornalismo presentes no livro

Fonte: Elaboração própria

Como já dito, *Banzeiro Òkótó* é um convite à indignação, mas é também espaço para reflexão. Ao longo de quase quatrocentas páginas, o livro nos conduz para aproximarmos da noção de um jornalismo que deixa evidente que está escrevendo para alguém. É perceptível que Eliane Brum escreve para alguém ler. *Banzeiro* não se trata de uma linguagem impessoal. Há preocupação em estabelecer conexões entre quem lê e a mensagem que se transmite, e, para isso, é possível fazer uso de estratégias específicas (apresentadas em 5.3).

Brum traz para o texto alguns elementos reais, do cotidiano da população, como modo de buscar identificação do público para, a partir da relação estabelecida, tratar de assuntos mais profundos, afinal, geralmente dedicamos nossa atenção a quem nos identificamos. A “profundidade” da pauta, como indicado, só é permitido quando se tem espaço para tamanha produção - em *Banzeiro*, a repórter-autora faz excelente uso do formato de livro para relacionar a pluralidade de vozes, lançar mão de uma visão sistêmica e aprimorar sua narrativa - estabelecendo o comum entre emissor e receptor. Por fim, Eliane Brum reconhece o papel do jornalismo e se coloca como sujeito responsável para repensar a linguagem e para a escolha de palavras que organizam o discurso. Vale destacar que muitas das propostas indicadas por Brum (2021) não são possíveis na maioria dos veículos de comunicação atualmente. A seguir, exemplos que ilustram as reflexões desenvolvidas acima.

TRECHOS	PÁGINA
“[...] é fácil se afogar na escrita. Difícil é não se afogar.”	11
“Este livro tem lado, no sentido de propor uma perspectiva mais ampla sobre a Amazônia que possa servir de instrumento na disputa por um futuro menos brutal para a maioria das pessoas humanas e não humanas.”	69
“A escrita é muito de um muito. É também uma arma para oprimir, subjugar, escravizar e destruir todas as outras pessoas que narram pela oralidade [...]. A escrita no Brasil é essa que escreve para deixar de fora - e escreve para expulsar.”	88
“Eu escuto as vidas barradas do Xingu. E fracasso em convertê-las em palavras. Fracassar é uma condição de quem escreve. A vida sempre escapa. A vida	93

transborda, a vida é maior [que a escrita]. A vida flui na palavra, mas não aceita ser barrada por ela.”	
“Comecei este livro e cheguei até aqui usando “povos da floresta”, expressão e conceito que costumo usar em meus artigos, onde não tenho nem tempo nem espaço para alcançar uma formulação mais profunda.”	96
“Essa mudança que o real opera na linguagem - e a linguagem opera no real - é uma operação política fundamental para a determinação de futuro.”	97
“Ecocídio é o conceito que dá conta dos desafios da justiça climática, mas me parece necessário ter a ousadia de pensá-lo a partir de uma nova linguagem.”	106
“Outras dezenas de famílias de beiradeiros expulsos foram empurradas para os bairros chamados burocraticamente por uma sigla, como as empresas gostam de fazer. É mais um truque para tentar esterilizar pela impessoalidade das letras a sujeira brutalmente pessoal [...]”	113/114
“Mas essa [“negociar”] era mais uma daquelas palavras do léxico dos assassinos sem sangue que vai formando o maior dicionário do mundo em todas as línguas.	121
“O que testemunhamos é uma nova forma de pensamento, uma transmutação à nova realidade do planeta, que está mudando também a linguagem. Em maio de 2019, o jornal britânico <i>The Guardian</i> anunciou que faria alterações em seu manual para conferir mais precisão à cobertura: em vez de “ <i>climate change</i> ” (mudança climática) passou a usar “ <i>climate emergency, crisis or breakdown</i> ” (emergência climática, crise climática ou colapso climático).”	241/242
“O horror é tão grande que é preciso inventar um outro jeito de fazer o que a gente sabe. É preciso [enquanto repórteres] criar coisas que não existem.”	262
“[...] compreender com que palavras as pessoas nomeiam o sofrimento, porque as palavras não são as mesmas e elas são nome ao que também não é o mesmo.”	263/264
“A impossibilidade de converter a complexidade da vida em palavras, assim como a impossibilidade de converter corpo em palavras, me acompanha desde sempre. Vida e corpo escapam das palavras - ou as palavras não dão conta de abarcar vida e corpo. Essa é a condição permanente de quem conta, seja pela escrita, seja pela oralidade.”	300/301
“Amazonizar-se é, ao mesmo tempo, verbo ativo e reflexivo, que demanda deslocamento de centro geopolíticos, sim, mas demanda também transformação na estrutura de pensamento - transfiguração da linguagem.”	343

Quadro 2: Análises sobre jornalismo presentes no livro

Fonte: Elaboração própria

Neste subcapítulo, foi tratado sobre as percepções e comentários apresentados por Eliane Brum em *Banzeiro*, que retratam parcialmente o entendimento da autora sobre um jornalismo que conversa, pois reconhece o outro que estabelece lugares comuns, pois busca conectar-se com quem lê; e que, geralmente, trabalha de modo equivocado, quando aborda pautas ambientais apenas para tratar de desastres, deixando de lado a cobertura especializada e contínua, dando espaço à visão sistêmica. Adiante, organizo as compreensões da repórter presentes na obra e o que isso interfere no entendimento de jornalismo e narrativa.

## 5.2 A narradora como personagem

É também nessa ambivalência que o banzeiro me joga. Assumi-la é a única condição possível para escrever um livro como este, uma narrativa na qual busco experimentar outras peles mas, ao final, apesar de todos os meus esforços, só me resta a minha própria, cada vez mais incômoda e apertada demais para um corpo que se desforma (BRUM, 2021, p. 19).

Este subcapítulo é o do meio. É um entre. Tem ligação direta com as discussões sobre o fazer jornalístico (abordadas anteriormente) e com os mecanismos narrativos (subcapítulo seguinte). Aqui reflito sobre a autora enquanto personagem da obra, e nos aproximamos da ideia de repulsa ao jornalismo convencional, onde a/o repórter não faz parte da história nem pode expor suas percepções. Eliane Brum (2021) não é exatamente integrante de uma revolução no jornalismo, mas é elemento importante do (re)pensar jornalístico.

Segundo a interpretação de Bruno Leal (2022), Karl Erik Schollhammer (2016) - que estuda a literatura realista brasileira contemporânea -, tem classificado uma nova categoria: “realismo afetivo”. “Essa nova forma do realismo se ancora na dimensão afetiva que emerge do encontro entre a materialidade textual e o corpo de quem lê/vê/ouve. Com isso, a ‘obra ganha realidade envolvendo o sujeito sensivelmente num desdobrar dinâmico de sua atualização no mundo’ (2016, p. 16)” (LEAL, 2022, p. 83).

É comum acessar materiais em que a/o repórter vive situações peculiares e, portanto, não é raro que suas emoções sejam reveladas. “Não importa se a/o jornalista efetivamente sente ou não o que expressa; é necessário que essa emoção seja equivalente ao que se espera socialmente da experiência daquela situação” (LEAL, 2022, p. 84/85). Segundo Resende (2002), a partir da obra de Bradbury (1992) - que apresenta a visão de Tom Wolfe sobre o novo formato produtivo -, o *Novo Jornalismo* poderia utilizar-se de métodos da ficção (que era o registro criativo da época) para agregar interação entre emissor e receptor, por meio da cultura atual. Colocar-se no texto por meio da evidência das emoções como maneira de criar conexão entre emissor e receptor pode ser um caminho.

A escrita de textos jornalísticos nem sempre impacta o público da forma pretendida pela escritora, seja por seu conteúdo seja pelo enquadramento, no entanto, é possível aproximar o resultado e a intenção se valendo de artefatos oriundos de outros campos, como a literatura. Segundo Resende (2002), Vítor Manoel de Aguiar e Silva (1969) indica que a obra literária se caracteriza pelo uso de uma das funções da linguagem: a função poética. “Diante de tal concepção, além de se privilegiar o discurso literário, cuja regra básica parece consistir em se empenhar para tirar a palavra do lugar comum, vê-se a literatura como a atividade discursiva onde se torna possível a criação de um mundo próprio e exclusivo [...]” (RESENDE, 2002, p. 54). Umberto Eco diz que é necessário relacionar o discurso, por vezes com características ficcionais, a situações do mundo real, pois “para nos impressionar, nos perturbar, nos assustar ou nos comover com o mais impossível dos mundos, contamos com nosso conhecimento do mundo real [...], precisamos adotar o mundo real como pano de fundo” (ECO, 1994, p. 89 apud RESENDE, 2002, p. 104). No caso de *Banzeiro Òkòtó*, o conteúdo é profundamente real, e poderia ser apenas isso - contado com base na objetividade jornalística; mas Eliane Brum opta por lapidar narrativamente as informações. Quer dizer, há o trajeto inverso ao que foi feito pela literatura estadunidense na década de 1960, pois, aqui, o real predomina e algumas características típicas do discurso ficcional são incrementadas.

Dentre as características típicas da literatura, o relato. “À diferença da informação, o relato não se preocupa em transmitir o puro em si do acontecimento, ele o incorpora na própria vida daquele que conta, para comunicá-lo como sua própria experiência àquele que escuta” (GUATTARI, 1995, p. 54). Agora sob outra análise, mas ainda em torno das noções de relato enquanto transmissor de informação, Eduardo Geraque (2004) postula que a sabedoria não surge, necessariamente, do que é erudito. “O aprendizado é calcado no empirismo, no contato diário com a natureza, no cheiro do ambiente, nas influências da fase da lua, na oscilação das ondas e na força dos ventos” (GERAQUE, 2004, p. 84). Para uma descrição ser bem sucedida, é preciso proximidade e identificação entre emissor e receptor. O relato desempenha um papel fundamental no jornalismo porque fornece verossimilhança ao que se narra.

Geralmente, é dado ao jornalista algumas técnicas narrativas, as quais predominam: uso de lead, pirâmide invertida, narração em terceira pessoa, foco à objetividade e aos dados factuais. O *narrador-jornalista* é uma alternativa à objetividade jornalística, pois apresenta-se como um sujeito que ocupa a posição de observador e produtor da história, subtraindo-se da ação narrada (RESENDE, 2002). Logo, coloca-se como um elemento presente no acontecimento, *in loco*, mas ainda sem participar e/ou ‘interferir’ na realidade. Para Silviano

Santiago (1989), em Resende (2002), o narrador, nas condições apresentadas, passa a ser uma figura que busca a compreensão do outro, e não de si.

O livro *Banheiro Ôkôtô: Uma viagem à Amazônia Centro de Mundo* é também sobre sua *narradora-jornalista*. Eliane Brum se coloca em alguns momentos como o centro das atenções de quem lê. Ela é a história. Suas percepções são parte do conteúdo e do acontecimento. A repórter está na cena, demonstra relação com personagens, compartilha sensações. Este subcapítulo trata de escolhas feitas pela autora e que são elementos de seu modo de tornar o mundo inteligível - sua narrativa. Ao mesmo tempo, é um convite a olhar para a repórter autora, uma tentativa de entendê-la. Muitas cenas poderiam ser contadas de forma objetiva/impessoal, mas a narração em primeira pessoa cria uma relação entre quem lê e quem conta a história. As cenas, nos formatos em primeira pessoa e com a *narradora-jornalista*, ganham mais veracidade quando contada por alguém que nos acompanha ao longo de toda a trama, por alguém que vive aquilo e nos relata - em primeira pessoa. O quadro abaixo trata de como Eliane Brum, autora do livro em questão, se coloca no texto. A organização do material a seguir se dá por meio de trechos selecionados do livro e servem para exemplificar o que vem sendo discutido.

TRECHOS	PÁGINA
“Desde que me mudei para a Amazônia, em agosto de 2017, o banheiro se mudou do rio para dentro de mim. Não tenho fígado, rins, estômago como as outras pessoas. Tenho banheiro. Meu coração, dominado pelo redemoinho, bate em círculos concêntricos, às vezes tão rápido que não me deixa dormir à noite.”	9
“Eu também me recolhia cedo, por ser a única mulher do grupo. Os beiradeiros que faziam parte da expedição sentiam-se um tanto reprimidos por acreditar que determinados assuntos - “de homem” - não deveriam ser abordados na minha presença. Minha rede não era de princesa, mas uma pequena estrutura sintética com mosquito acoplado que, quando fechada, cabia na palma da minha mão. Melhor dormir em posição fetal por semanas do que carregar muito peso ou ter de exhibir minha incompetência alarmante para tarefas manuais como montar uma rede. Sempre fui uma destra com duas mãos esquerdas.”	32
“Só perto do final eu consegui dizer porque me mudei para a Amazônia, ou me mudei <i>em</i> Amazônia: “Porque quero me <i>desbranquear</i> ”, eu disse. Sei que vou morrer fracassando nessa tentativa, mas fui para a Amazônia para ser uma outra experiência de mim a partir da descolonização do meu corpo, aqui	48/49

compreendido também como o corpo da floresta ou um corpo na floresta.”	
“Algumas, como eu mesma, se esforçam para diminuir essa marca, reduzindo o rastro de destruição que também deixamos como legado para as gerações futuras.”	103
“Eu os visitei quando a viagem acabou. E as palavras de João me atravessaram o corpo como estacas.”	119
“Testemunhar aqueles três homens, que dez anos antes não sabiam se acordaram vivos no dia seguinte, comendo as três primeiras fatias do bolo da festa de cabeça erguida e peito estufado, tratados como os heróis da comunidade que são, foi uma cena que me curou.”	158
“Fiz essa travessia pela estrada mítica aberta pela ditadura sobre o corpo de indígenas, parando onde minha intuição mandasse. Esse foi sempre meu jeito preferido de fazer reportagem.”	189
“Parece que meu cérebro era, além de velho, avesso ao imperialismo.”	192
“Eu sou a escritora que escuto a vida deles há anos para ajudar a abrir portas no mundo de fora.”	269
“Estava farta de ser Eliane Brum e estava farta de ser todas as outras eu. Eu queria ser eu nenhum.”	280

Quadro 3: A narradora como personagem

Fonte: Elaboração própria

O subcapítulo que se encerra aqui abarcou algumas compreensões teóricas sobre o papel da/o jornalista como integrante do acontecimento e alguns dos trechos de *Banzeiro*, onde é perceptível a presença de Eliane Brum. Como uma das contribuições alcançadas a partir da análise, está a aproximação das emoções como maneira de alcançar o lugar comum entre quem lê e quem escreve, afinal, em espaços diferentes. A seguir, o último segmento da análise proposta inicialmente, onde estão reunidas as compreensões acumuladas até aqui e exemplificadas nos trechos selecionados.

### 5.3 Narrativa e caminhos

Otávio falava, mas não encontrava a linguagem. Desapareceu então no corredor apertado da casa e voltou de lá com uma pasta de plástico. Nela guardava as palavras dos brancos. Presas nos papéis que ele não decifra, elas vão tirando nacos de sua vida. Otávio estava ali, naquela periferia, encurralado entre a violência e o lixo, porque assinara um papel que não era capaz de ler. As manchas no papel, essas que ele não pôde decifrar, roubaram-lhe tudo. (BRUM, 2021, p. 85).

Em *Introdução às narrativas jornalísticas*, Bruno Leal (2022) se baseia na interpretação de Paul Ricoeur (2010) para dizer que o ato de tecer a intriga é a célula melódica da narrativa. Para Leal, narrar é pôr junto diferentes elementos. Produzir sentido a partir do encontro. “Ao articular elementos diferentes (pessoas, ações, acontecimentos, espaços, tempos), uma narrativa produz uma convergência sem que se apaguem as diferenças entre eles. Esse ‘estado de coisas’ só existe, provisoriamente, na história que é contada” (LEAL, 2022, p. 30). Nenhum texto existe, segundo Umberto Eco, como se fosse uma garrafa encontrada no mar, sem contexto e sem suas relações.

Cada modalidade de texto tem suas características, regras e convenções que, por sinal, não são eternas - é possível atualizá-las. Esses formatos textuais pré-definidos nos chegam “embalados” e “rotulados” com suas características. A inteligibilidade de um texto, como indica Leal (2022), “depende sempre da enciclopédia comum e do nosso conhecimento de suas regras e convenções” (LEAL, 2022, p. 61), quer dizer, é preciso ter conhecimento prévio do que se trata e nós - enquanto comunicadores - precisamos encontrar o que é comum entre o público e o que se narra. “Conforme a formulação célebre de Paul Ricoeur, é através da narrativa que o tempo se torna humano” (LEAL, 2022, p. 36).

A construção de uma narrativa é dar forma à experiência humana, serve para organizá-la, e em condições ideais, respeitando a multiplicidade. “Nesse sentido, narrar se torna uma ação importante, crucial, pois não só conseguimos dar uma forma provisória a uma parte dessa multiplicidade como nos posicionamos em relação a ela” (LEAL, 2022, p. 28). Preocupar-se com o ato de narrar é, também, fazer com que determinada história se torne compartilhável, pois está articulada de modo a estabelecer comunidade, onde mais que um indivíduo é capaz de identificar-se e receber a mensagem. Adiantando alguma interpretação, indico que Eliane Brum, em *Banzeiro*, se preocupa em deixar as histórias compartilháveis.

Segundo análise de Bruno Leal (2022), o filósofo alemão Walter Benjamin entende que há dois modelos de conhecimento em conflito: a informação (produto da ciência moderna eurocêntrica, impessoal e de caráter instrumental) e a narrativa (que se articula a partir e com outros modos de saber). Em Leal (2006), está presente a ideia de “olhar narrativizante”, que busca construir narrativas justamente a partir da heterogeneidade.

Uma sucessão de paisagens na janela de um carro não constitui, *per si*, um texto narrativo. No entanto, elas podem vir a sê-lo caso a pessoa que as experiencie ponha juntas, articulando uma intriga e um desenrolar temporal. Aquilo que seriam, sob uma perspectiva, imagens dispersas, passa, sob um “olhar narrativizante”, a constituir uma história e/ou fazer parte de outra. (LEAL, 2022, p. 48).

Por mais peculiar que seja determinado acontecimento, ele não permanece isolado - ou, se parecer distinto de toda a normalidade, é um isolamento provisório. “No momento em que uma pessoa toma contato com o filme, o mundo configurado pela narrativa já se reconfigura e passa a integrar as histórias de quem o assiste, inclusive aquelas que irá contar” (LEAL, 2022, p. 35). Toda narrativa está sujeita a mediações diversas.

Leal (2022) sugere que podemos entender melhor as narrativas ao olharmos para nosso cotidiano - diverso, plural, criativo, heterogêneo e estratégico. “A multiplicidade temporal e espacial em geral é organizada a partir de construtos sociais que se oferecem como parâmetros comuns a todas/os, como é o caso dos calendários, dos mapas e dos sistemas de medição de distâncias e velocidades” (LEAL, 2022, p. 27).

Como já indicado inicialmente nesse trabalho, cada palavra escolhida tem seu próprio sentido e pode alterar a mensagem do discurso. Em *Lugar de Fala*, Djamilia Ribeiro (2021) aborda como o uso da linguagem dominante é uma ferramenta de manutenção do poder. Muitas vezes, a tão sonhada *neutralidade jornalística*, com suas expressões impessoais, acaba fortalecendo domínios sociais. Por isso, frequentemente (e em *Banheiro* isso acontece), é preciso exercitar nossa criticidade e voltar os olhares aos termos e pensar a linguagem, avaliar o sentido das palavras, trabalhar com a precisão.

Aproximar aquilo que entendemos como jornalismo tradicional aos métodos literários pode nos fornecer técnicas de escrita. “Para Wolfe, são quatro essas técnicas: construção detalhista da cena, registro completo dos diálogos, ponto de vista em terceira pessoa e, por último, registro dos gestos cotidianos e do padrão de vida daqueles sobre os quais fossem ser relatados os fatos” (RESENDE, 2002, p. 63). Ainda de acordo com Fernando Resende, Wolfe abordava o que estava por detrás das notícias, para além do fato - e isso, além de diferenciar o *Novo Jornalismo* do jornalismo tradicional, apresenta-se como um novo estilo narrativo.

Considerando a narrativa um movimento de junção, de pôr junto, onde se produz sentido a partir do encontro, e que fazer comum é um caminho que contribui para a construção da narrativa jornalística, chego a algumas conclusões - que perpassam também as noções de repensar a linguagem, de *olhar narrativizante* e de como o jornalismo é uma relação (onde quem lê também interfere no sentido).

Eliane Brum, como já indicado, parece sempre levar em conta que está escrevendo para alguém e que, devido a escrita ser uma representação do que não se faz presente, precisa descrever com excelência cada cena ou sensação, para que o sentido produzido pelo acontecimento seja refletido quase em sua integralidade ao público receptor. Dentre os trechos selecionados, destaco três, que contribuem para o debate. Os períodos “Era muito de tudo:

muito sol, muito quarenta graus, muito carapanã, muito jacaré, muita arraia, muita aranha, muito mato.” e “O transporte sempre será muito mais caro, muito mais demorado, muito mais precário, muito mais instável, muito pior.” são exemplos que, no livro, não estão sequenciais - são separados por mais de quarenta páginas -, mas que representam como a repórter-autora faz uso da anáfora para construir o sentido pretendido. Anáfora é uma figura de linguagem que se caracteriza por meio da repetição de termos no começo das frases. Brum poderia ir direto ao ponto, escrevendo, por exemplo, que “o transporte sempre será muito pior”. Se assim o fizesse, a informação não perderia sua validade, mas preferiu utilizar da repetição, a fim de enfatizar o quão pior é em comparação a outros meios de transporte, elaborando, portanto, sua narrativa que envolve quem lê.

Há outras figuras de linguagem no texto de Eliane Brum, como no trecho da página 140: “Os rios também voavam sobre nossa cabeça”. Os rios (no formato como fomos ensinados) não voam, mas, ao misturar os sentidos, a autora faz com que entendamos a mensagem pretendida, pois sabemos que voar é estar fora do chão, em movimento. Para arrematar esta seção, um último exemplo: “Que entramos no ônibus e no metrô nos defendendo dos olhares e das mãos, às vezes dos pintos. Que tememos os professores homens, os médicos homens, os chefes homens. Que tememos os tios e os primos, às vezes os irmãos.” Este trecho é apenas metade do parágrafo que ocupa na página 45, mas é suficiente para perceber como Brum faz uso da repetição. No texto completo, a palavra “tememos” aparece dez vezes. Depois da leitura do parágrafo, podemos até não lembrar o que exatamente as mulheres temem, mas saberemos que vivem em constante temor. Isso porque a ideia que o parágrafo busca transmitir é o centro da narrativa, para além dos detalhes.

É claro que a variação de situações enriquece a narrativa e facilita a construção do comum entre emissor e receptor (tendo em vista a variedade de situações), mas, antes de tudo, me parece que a intenção da autora é deixar claro que as mulheres vivem enquanto temem. Sob minha leitura, posso dizer que a intenção da autora foi bem sucedida pelas repetições e por meio da anáfora, enquanto mecanismos que auxiliam sua narrativa. A onomatopeia é outra figura de linguagem perceptível, na qual se exige imaginação de quem lê para compartilhar o afeto produzido pela situação sonora. Obviamente, não se pode ouvir por meio do papel, mas ter a representação do som em letras é um convite para interromper brevemente a leitura e imaginar o som indicado. No quadro a seguir, estão alguns trechos retirados de *Banheiro Òkòtó*, objeto de análise desta pesquisa.

TRECHOS	PÁGINA
<p>E, principalmente, perder privilégios. Uma destas questões mais cruciais diz respeito a quanto estamos dispostos a perder para estar com todas as outras pessoas. Porque os brancos precisarão perder para que o Brasil se mova, para que o mundo se mova.</p> <p>Às vezes, os privilégios mais difíceis de perder são os mais sutis, assim como os mais subjetivos. Por séculos os brancos falaram praticamente sozinhos, inclusive sobre o que é cultura e sobre o que é pertencimento. Os brancos falaram praticamente sozinhos até sobre o lugar do negro.</p>	18/19
<p>Seus cascos fazem um som de fim de mundo e, se a pessoa não tem a agilidade de um macaco-aranha para sair do caminho, vira purê.</p>	25
<p>Para Bolsonaro, a Amazônia é uma mulher cujo corpo lhe pertence para fazer dele o que quiser.</p>	36
<p>Não o que nos ama, mas o que nos julga. Não o que nos reconhece, mas o que nos converte em objeto. Não o que pede permissão, mas o que viola</p>	45
<p>É com um corpo sempre na iminência de ser violado que caminhamos pelas ruas nos defendendo dos olhares e das mãos. Que entramos no ônibus e no metrô nos defendendo dos olhares e das mãos, às vezes dos pintos. Que tememos os professores homens, os médicos homens, os chefes homens. Que tememos os tios e os primos, às vezes os irmãos. Que tememos os padrastos e às vezes o pai. Que tememos o homem que vende balas. Que tememos o homem que senta ao lado no cinema. Que tememos os colegas da escola e mais tarde os da universidade. Que tememos os colegas do trabalho. Que tememos. E tememos.</p>	45
<p>Ao mesmo tempo que mataram índios, aprenderam com os índios. Ao mesmo tempo que estupraram índias, amaram índias e com elas fizeram filhos e famílias.</p>	94
<p>Assim como advogados defendem humanos muito diferentes deles próprios e promotores acusam corporações em nome de comunidades às quais não pertencem, advogados e promotores podem também atuar em nome de uma pessoa não humana ou de uma floresta ou de um rio ou de uma montanha ou mesmo de oceanos.</p>	105
<p>Os rios também voavam sobre nossa cabeça.</p>	140
<p>Era muito de tudo: muito sol, muito quarenta graus, muito carapanã, muito jacaré, muita arraia, muita aranha, muito mato.</p>	155
<p>Tão diferente de um galã como uma piranha de um pirarucu</p>	161
<p>O transporte sempre será muito mais caro, muito mais demorado, muito mais precário, muito mais instável, muito pior.</p>	199/200
<p>A conta fica assim: 62 pessoas sob responsabilidade do Estado foram mortas dentro das dependências de um prédio do Estado, primeiro, e depois dentro de um caminhão-cela do Estado.</p>	217/218

No enterro do pai, a menina com nome de rua explicava para todos [...]	221
Ele tem nome de jogador de futebol e ainda espera o pai acordar.	221
Preciso dizer algo sobre esse menino. Ao longo da minha vida de repórter, vi muitas crianças com olhos de velho.	222
Ou os pais (ou avós) vieram de algum outro lugar do país, em busca de uma vida melhor por meio de um emprego numa das obras megalômanas da região, ou os pais (ou avós) foram expulsos do rio e da floresta por um dessas obras megalômanas. É comum que aquele que veio para trabalhar numa obra megalômana se converta, anos ou décadas mais tarde, em expulso por uma obra megalômana.	225
Desponta uma cabecinha. Brotando da areia. <i>Ploft</i> .	284
Ali, os caçadores colocam o espinhel, uma barreira com até mil anzóis. Na ponta de cada um deles está o mucajá, uma fruta que equivale a um bombom para as tartarugas.	288
Centenas de tartarugas escavam ninhos. <i>Vrum vrum vrum</i> . O barulho que fazem não cabe em palavras.	290
O que acontece bem perto, só escutamos. <i>Vrum. Vrum. Vrum</i> . E escuridão.	291
O encantamento é interrompido por uma esquadrilha de urubus. <i>Crac</i> .	292
Ao redor, <i>vrum vrum vrum</i> . Areia voando por todos os lados.	293
Estamos há uma hora ali sem que nada pareça acontecer. E então... <i>Ploft</i> . Brota uma cabecinha da areia.	296
Mas o Velho Araweté estava ali, debaixo de luminárias, sentado numa cadeira de plástico vermelha [...]	305
Pintado de urucum, agarrado ao arco e às flechas, sentado numa cadeira de plástico vermelha, [...]	306
O velho sentado na cadeira de plástico vermelha, agarrado ao seu arco e às suas flechas, é um dos sobreviventes do contrato “oficial” com os brancos, quarenta anos antes.	307
E agora ele está ali. Sentado na cadeira de plástico vermelha. Imóvel.	309
E ainda assim ele está lá, ereto, há quase doze horas sem comer, sem vergar. Sentado na cadeira de plástico vermelha.	309
Não o que vê o Velho Araweté. Sei o que eu vejo. Diante de mim há uma pessoa que é ela mesma um mundo. Alguém que não deveria precisar estar ali. E tudo o que temos a oferecer são cadeiras de plástico vermelhas e palavras desencarnadas.	312

Quadro 4: Mecanismos narrativos

Fonte: Elaboração própria

Dando sequência à análise, adentramos agora em questões mais autorais de Eliane Brum, para além de ferramentas lexicais. Em diversos momentos, a autora propõe a reflexão sobre os termos utilizados. “O fato, porém, é que a primeira geração que ‘misturou’ foi a minha” (BRUM, 2021, p. 183). O movimento de problematização da linguagem aparece, geralmente, com o uso das aspas. Não necessariamente a autora dedica algumas linhas a explicar porque tal termo não é adequado para uso, mas, em meio a aspas, a palavra já chama atenção de quem lê e é como um chamado para entender o porquê do destaque. Ainda na relação com seu público, a autora não se omite de posicionamentos e emplaca algumas frases de efeito: “O recuo do Vaticano mancha a floresta de sangue” (BRUM, 2021, p. 325). As frases de efeito, geralmente, aparecem da metade para o fim de cada parágrafo, como forma de concluir o raciocínio com impacto, a fim de que o/a leitor/a leve tal ideia adiante.

Como resultado da preocupação em problematizar a linguagem, Brum também oferece alternativas aos “problemas”, por isso, apresenta neologismos, novas definições e/ou redefinições às expressões comumente utilizadas. As palavras têm impacto e podem chamar atenção para além da informação. Eliane Brum trabalha com a intensidade dos termos. “Converter-se de menina em mulher é uma história que pode ser narrada pelas mãos sobre nossas bucetas, pelos pintos que nos mostram nas ruas [...]” (BRUM, 2021 p. 46). Na maioria dos veículos jornalísticos, é totalmente “normal” transmitir a mensagem sem citar a genitália ou utilizar de termos técnicos, mais “corretos”. Para além do impacto de ler termos “não oficiais” (*pinto*, por exemplo), o texto estabelece um lugar comum para com seu público, pois sabe-se que a maioria da população alvo do capítulo trata da genitália pelos termos utilizados pela autora, considerados, muitas vezes, pejorativos.

Um elemento perceptível, e que Eliane Brum trabalha com maestria, é a capacidade de contextualizar o acontecimento. A autora traz um rico resgate histórico - comprovando que para além da estética textual, há um árduo trabalho de apuração - acompanhado de situar o livro enquanto documento, como em: “Mas em nenhum momento foi tão fortalecida e acelerada como na retomada da militarização do Estado sob Bolsonaro, a partir de 2019.” (BRUM, 2021, p. 29). Para leitores do Brasil atual, não haveria necessidade de citar o ano de início do governo de Jair Bolsonaro, mas, por considerar o jornalismo como documento do tempo presente, faz questão de indicar o ano de 2019.

Outra percepção a partir da leitura é como Brum organiza sua narrativa geral. A maioria dos capítulos de *Banzeiro* começam ou com relato da repórter ou com resgate histórico. Além disso, não é raro, nas últimas linhas do capítulo, retomar as personagens e/ou

o acontecimento narrado no início, como forma de arrematar a temática - mesmo que tenha passado mais de dez páginas sem relacionar diretamente o contexto com as personagens, que serviram como uma espécie de gancho para a pauta. Dois dos diversos exemplos são: “Os rios também voavam sobre nossa cabeça” (BRUM, 2021, p. 140) - aqui, o capítulo é nomeado de “rios voadores” e, desde seu início, na página 123, até o fim, na página 140, praticamente não se trata da noção de rios voadores, fazendo com que viajemos por outros ares e, ao final, retornemos ao estágio inicial. De forma semelhante acontece no último parágrafo da página 107, que começa com a frase “Carola Rackete contou sobre solastalgia enquanto [...]” (BRUM, 2021, p. 107). Neste caso, Eliane Brum começa o capítulo abordando Carola Rackete nas três primeiras páginas, passa as quatro páginas seguintes sem citá-la e a retoma no último parágrafo, para fechar o capítulo.

Rapidamente, antes de passar pelo quadro de exemplos, trago um trecho pontual sobre como Eliane Brum se preocupou em estabelecer comum: “[...] ao checar minha timeline no Twitter pela manhã, abri o link de uma reportagem sobre a primeira ação pelo clima movida pela sociedade contra o Estado por um grupo representativo da Holanda que abarcava também as crianças. Meu coração deu saltos de Rebeca Andrade” (BRUM, 2021, p. 135). Rebeca Andrade é uma ginasta brasileira campeã mundial em 2023 e destaque nas Olimpíadas de Tóquio, em 2021, pelo título no salto e pelo uso do ritmo *funk* em sua apresentação de solo, caindo, portanto, nas graças da imprensa e da população brasileira como um todo. Rebeca é conhecida por todo o país. Eliane Brum não perde a oportunidade e estabelece comum com seu público, pois é um mecanismo de fácil captação, tendo em vista o conhecimento prévio de quem lê. No quadro abaixo, estão alguns trechos retirados de *Banzeiro Òkòtò*, objeto desta pesquisa, que ilustram as análises em torno de reflexões da linguagem, do uso de neologismos, do estabelecimento do comum e do contexto histórico.

TRECHOS	PÁGINA
A menstruação, porém, não combinou com a data da performance, e ela precisou pedir sangue menstrual emprestado de outra mulher. Nenhum problema. Há bastante de nós sangrando pelas vaginas por aí.	14
A compreensão de uma riqueza arqueológica limitada a grandes monumentos ou a grandes tesouros, como os dos faraós ou dos astecas, maias ou incas, disseminou-se no senso comum com a ajuda de Hollywood e as muitas versões de Indiana Jones, o mais violento, colonialista e também incompetente arqueólogo da ficção. Essa visão deliberadamente deformada faz com que a Amazônia pareça despida de interesse arqueológico para a maioria e alimenta uma falsificação que tem servido a interesses e ideologias.	26/27

Desvirginar	27
Mas em nenhum momento foi tão fortalecida e acelerada como na retomada da militarização do Estado sob Bolsonaro, a partir de 2019.	29
Algumas dessas terras indígenas estão entre as mais desmatadas e invadidas da segunda década [...]	30/31
A grilagem e o roubo de madeira avançaram muito também das reservas extrativistas habitadas pelas comunidades tradicionais de beiradeiros durante a pandemia de covid-19, a partir de 2020.	31
Para Bolsonaro, a Amazônia é uma mulher cujo corpo lhe pertence para fazer dele o que quiser.	36
Justamente nós, que temos grandes e pequenos lábios e uma língua que fica ereta no meio do nosso sexo, somos as caladas ponto e caladas ficamos quando nossa vagina e nosso cu e nossa boca são violados. Ser mulher é ser palavra que não pode ser pronunciada, é ser pintura censurada no Facebook.	45
Converter-se de menina em mulher é uma história que pode ser narrada pelas mãos sobre nossas bucetas, pelos pintos que nos mostram nas ruas - ou em casa -, pelas piadas nojentas na escola e no trabalho, pelas frases jogadas contra nossos corpos que tentam passar, pelas palavras “vadia”, “puta”, “vagabunda”. Vadia, Puta, Vagabunda. Mil vezes. Vadiaputavagabunda. Converter-se de menina em mulher é um conto contado pelo medo. É saber que o peito que cresce será violado mesmo antes que ele termine de crescer e que a vagina que amadurece será tocada sem permissão. E olhada. Olhada sem amor.	46
<i>Amazonizar-se</i>	50
Mas o que quero dizer - e, muitas vezes, o que nem sabia que queria dizer ou o que nem sabia que sabia - segue o rumo errático do banheiro, os humores de meus rios interiores	64
Mas não é sobre isso que escrevo - ou é, mas não principalmente. Escrevo sobre resistência. Sobre como tornar a vida possível apesar de todas as formas de morte - ou, no caso dos povos originários no Brasil, apesar de tentarem matá-los de todas as formas há mais de quinhentos anos.	64
As crianças aprendiam na escola - e espantosamente ainda aprendem - que o que se chama de povo brasileiro é composto de três raças: brancos, negros e indígenas, e que essa convivência foi - e é - harmônica	65/66
[...] com maior incidência de alemães e italianos, fazia parte da política de “desencardir” o povo brasileiro.	73
Belo Monte, a barradora de vida, violou a vida a cada dia mais a floresta e aqueles que são floresta.	81
Ao observar os beiradeiros por tantos anos, percebi que são <i>entres</i> da floresta. “Entres” é o nome e conceito tecido por mim para melhor compreender aquele	81

que é o povo mais invisível da Amazônia.	
Belo Monstro é uma construção de ruínas	81
[...] eu paro de chamá-los de “povos da floresta” e passo a me referir a eles como povos-floresta.	96
Foi Berro Grosso que me disse, olhando para a canoa sem rio, que ser pobre é não ter escolha.	116
Um par de olhos novidadeiros, uma língua de navalha e uma franja aparentemente eterna seriam suas marcas se um artista fosse fazer uma caricatura.	127
Meu coração deu saltos de Rebeca Andrade	135
Os sacerdotes da Companhia de Jesus subjugaram os povos originários, em sua maioria guaranis, para construir o que chamaram de “Missões”, com a justificativa de salvar suas almas.	179
No momento em que os “colonos” europeus começaram a ser “importados” pelo Brasil, o Rio Grande do Sul era [...]	180
O que chamam de “ninguém” são os povos originários, aqueles que hoje são tratados por governantes como Jair Bolsonaro e por grileiros - os da Amazônia e os do Congresso - como “quase humanos”.	180
No século 19, o imperador d. Pedro II julgou necessário investir no “branqueamento” do Brasil [...]	180
Meu avô materno, pertencente À primeira geração da sua família a nascer no Brasil, costumava chamar indígenas de “bugres”, um termo pejorativo, e todo aquele que não é descendente de europeus de “brasileiro”. Se perguntássemos o que significava “brasileiro”, meu avô respondia com outra expressão: “pelo duro”.	182
O fato, porém, é que a primeira geração que “misturou” foi a minha.	183
“Morena” é a palavra usada pelos brancos para se referir a uma pessoa negra de que gostam.	184
Quem batia na nossa casa pedindo pão velho eram as crianças brancas, sempre as mesmas, chamadas de “esmoleiras”.	186
Quando o governo brasileiro começou a incentivar a “colonização” da Amazônia [...]	187
Desembarquei em São Paulo no mês de janeiro de 2000, gauchíssima, e de imediato comecei a me “desgauchizar”.	190
No Brasil, esse conceito poderia ser chamado de economia do bandeirante e apelidado de Borba Gato. Ou então de economia do pioneiro e apelidado de	196

gafanhoto.	
A palavra para capinar é “limpar”.	203
Quando meus artigos são traduzidos para outras línguas, é sempre complicado explicar com exatidão o que é um condomínio, uma invenção muito particular do Brasil e de outros países marcados pela desigualdade. Muito mais do que um conceito arquitetônico, no Brasil o condomínio é um projeto político-habitacional construído para deixar outros de fora.	205
O condomínio é a desigualdade racial do Brasil em sua expressão arquitetônica.	206
A repetição da palavra “sangue” neste livro não é excessiva ou pobreza de estilo e de vocabulário. É a vida cheia de morte.	209
A conta fica assim: 62 pessoas sob responsabilidade do Estado foram mortas dentro das dependências de um prédio do Estado, primeiro, e depois dentro de um caminhão-cela do Estado.	217/218
“Desmatar” é um dos verbos mais tortos da língua portuguesa. Eles diz o contrário do que faz.	224
Ao empregar o genérico “pobre” deleta-se a origem da pessoa e também o processo que a levou àquela condição. Já “deflorestade” é quem veio de um lugar, a floresta, e sofreu um processo de arrancamento de seu chão, o de terra e de água, o da cultura, dos laços e dos afetos.	252
Unhas e bicos afiados riscando o chão que era a minha cabeça.	278
Uso “humanes e não humanas” em minhas palestras e artigos jornalísticos, porque, para empregar outros termos, eu necessitaria de um espaço igual ao que tenho para o assunto todo. E também porque lançar “não humanas” ao mesmo nível que “humanes” já costuma perturbar as pessoas o suficiente para um primeiro contato.	302
Sua fama se espalhou por atacar apenas homens - e diretamente nos pontos mais sensíveis: o pinto e o saco.	323
O recuo do Vaticano mancha a floresta de sangue.	325
Em 2018, uma lista de marcados para morrer circulava em Anapu como se fosse de material escolar.	330

Quadro 5: Interatividade narrativa

Fonte: Elaboração própria

A escrita de Eliane Brum se coloca há tempos como sendo diferente do padrão. Enquanto estudante de jornalismo, não se pode passar por textos como os de Brum e não elaborar alguma reflexão sobre sua narrativa. A apreensão de alguns entendimentos apontados

neste quinto capítulo se coloca como essencial para o planejado repensar jornalístico, afinal, são estratégias já utilizadas e que podem ser aprimoradas. Como a própria autora de *Banzeiro* disse, “O bom jornalismo é aquele que compreende que a realidade é muito mais complexa do que aquilo que é dito” (BRUM, 2012, p. 89), e isso é o que Brum faz, pois vai além dos relatos, apura novos desdobramentos, resgata questões históricas, faz coberturas de longa duração e não deixa com que a pauta se limite àquilo que é dito. Adiante, minhas considerações finais sobre esta pesquisa.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O jornalismo ambiental brasileiro tem o conflito em sua essência. É fruto da união de ambientalistas da região amazônica a representantes de órgãos oficiais e cientistas como uma

alternativa de resistência à ditadura civil-militar, a partir dos anos 1960. Até hoje, permanece com tal essência intacta, apenas com algumas variações e peculiaridades de cada tempo. A particularidade de nosso tempo - duas décadas e meia do século 21 - é a emergência climática. Já ultrapassamos o ponto de vivermos sem consequências ou que as mudanças ambientais aconteceriam no futuro distante. Agora, a luta é para que os prejuízos sejam menos piores. Eles vão existir, isso é certo. Já estão existindo. Enquanto temos a opção da escolha, resta escolher o quanto queremos um ambiente menos pior. Para muitos pensadores, como Enrique Leff, mais do que uma crise ambiental, estamos em meio a uma crise de conhecimento, resultado de estratégias de poder.

Há muito, um paradigma de uniformidade tem imperado, por meio da binarização *certo x errado* e da universalidade do conhecimento, da ciência e da identidade, por exemplo. Nesse contexto, há raças inferiores, há modos de produção de conhecimento inválidos, há modos de consumo e de se portar que não são aceitos. Há a ideia de que para ser respeitado, não se pode parecer com o *errado*. É nesse processo de padronização que chegamos às atuais crises - ambientais, financeiras, de conhecimento - e, mesmo sabendo como a roda gira, não é fácil sair dela, pois as relações de poder já estão instituídas e (praticamente) tudo passa por questões financeiras, inclusive, o jornalismo. Um primeiro passo é entender como chegamos até aqui, mas é indispensável nosso trabalho para encontrar maneiras de recalculando a rota.

Considero o atual momento propício para repensar o jornalismo. Estamos em constante contexto de mudança. Precisamos nos adaptar às condições sanitárias, financeiras e climáticas, e repensar nosso cotidiano é um movimento necessário. Assim, aproveitando que já houve um início de redefinições, o jornalismo deve aproveitar a oportunidade e mergulhar no diálogo com seus públicos, por mais que nunca tenha se distanciado de fato - apesar das relações de poder e os interesses envolvidos nos processos de comunicação.

Trago para a discussão, algumas ideias suscitadas a partir da leitura de *Lugar de Fala* (2021), da filósofa brasileira Djamila Ribeiro, em que a noção do uso da linguagem dominante é uma forma de manutenção do poder, onde o discurso se coloca como um sistema que sustenta determinado imaginário social. O contexto ambiental é peculiar, se comparado ao “normal” da mídia tradicional. Mesmo que o jornalismo ainda não tenha alcançado as condições ideais de abordagem para a diversidade de pautas, é preciso começar a andar com o processo, afinal, permanecer na estaca zero representa a manutenção do poder dominante.

Um dos primeiros passos para o jornalismo ambiental se estruturar e ser referência de fazer jornalístico ao jornalismo em geral é compreender que o acontecimento não se resume exclusivamente às poucas personagens afetadas diretamente, mas que é algo estrutural. A

característica de estrutura se aplica aos mais diversos campos sociais, porém, é essencial em pautas ambientais, ainda mais se considerarmos o histórico de interesses que envolvem o meio ambiente e, no caso específico de *Banzeiro Òkòtó*, a floresta amazônica. Vale lembrar que estratégias e mecanismos de dominação mudam, mas a intenção de dominar permanece.

Nos meios de reflexão de feminismos, é comum alcançar o entendimento de que a mulher não é entendida a partir de si, mas sendo comparada ao homem. No caso ambiental e de suas culturas, como seus modos de vida são retratados? Sinteticamente, é possível dizer que os povos indígenas e ribeirinhos são pensados a partir da sociedade ocidental não indígena, a partir da cidade, da economia neoliberal capitalista. A própria paisagem é pensada a partir da cidade ou de uma idealização da floresta e do ambiente, de uma “organização” que não é espontânea e natural. Não se pode esquecer que o “estilo padrão” não está para os modos de vida ambiental - como evidencia Eliane Brum em *Banzeiro* -, e, assim, o “estilo padrão” também não é concebível ao jornalismo, exigindo, portanto, que os responsáveis pela elaboração do produto tenham conhecimento prévio e reconhecimento às diversidades.

A escolha de *Banzeiro òkòtó: Uma viagem à Amazônia Centro do Mundo*, de Eliane Brum (2021), se dá por suas características que conectam a pauta à quem lê, logo, por ser um caso bem sucedido de conexão dos pontos, pode ser analisado a fim de entender suas peculiaridades e contribuições ao jornalismo. Neste trabalho, defino a autora como sendo fotógrafa e carpinteira. Fotógrafa pois eterniza com excelência o cenário que descreve com ricos detalhes; e carpinteira pois é ela própria quem decide, com propriedade, o tamanho e a forma do enquadramento dado aos fatos, às histórias e às discussões.

Tendo realizado a leitura da obra, fui instigado a refletir os fazeres jornalísticos e me surgiram algumas questões: é possível, alguém de fora do ambiente, descrever o cenário do ambiente sem nunca ter estado no local anteriormente, dependendo, assim, do relato das fontes? Quais pautas e perspectivas devem ser abordadas? Como saber quem deve ser ouvido? Quem define quem será ouvido? Enquanto profissional, qual estilo de narração será escolhido? Qual o papel do ambiental no processo de repensar o fazer jornalístico? Este trabalho foi desenvolvido com o objetivo de compreender quais as contribuições de um livro de jornalismo ambiental, feito por jornalista em imersão no local de apuração, para o jornalismo como um todo - para além da reportagem, alcançando, quem sabe, alternativas éticas de produção de um jornalismo para tempo de emergência climática e ambiental.

Eliane Brum não se omite do debate no jornalismo e subverte a linguagem tradicional, que costuma se limitar à imparcialidade e à impessoalidade das palavras. A autora trabalha com a intensidade da palavra e experimenta termos *não oficiais*, como “pinto”, “buceta”,

“cu”, “vadia”, “puta” e “vagabunda”, termos que nos causam impacto e que praticamente todo seu público leitor conhece tais definições, diferentemente da relação do público com alguns termos técnicos e/ou rebuscados. Ao mesmo tempo, Brum faz do jornalismo ambiental espaço para discutir a linguagem e causar o impacto que a emergência ambiental pede há tempos.

A profundidade das pautas propostas pela repórter-autora se concretiza por tratarmos de um livro. Claro que, em alguns veículos, os formatos de maior extensão também marcam presença, mas vale destacar que muito do que é produzido sobre jornalismo ambiental ainda carece por investimento e espaço para produção. Em *Banzeiro*, Brum faz excelente uso do formato de livro para relacionar a pluralidade de vozes, lançar mão de uma visão sistêmica e aprimorar sua narrativa - estabelecendo o comum entre emissor e receptor.

A sensação de que Eliane Brum possui uma escrita preocupada com quem lê é recorrente ao longo da obra. A autora busca estabelecer um lugar comum com seu público, por isso da importância de descrições ricas em detalhes. Para uma descrição ser bem sucedida é preciso proximidade e identificação entre emissor e receptor. Considerando a distância do público em geral às pautas ambientais, o jornalismo desempenha papel ainda mais trabalhoso que em outras áreas (onde o público já está ambientado), afinal, no ambiental, ainda é preciso “naturalizar” o público “estranho” [à temática]. Por fim, vale destacar a evidência de um árduo trabalho de apuração, para além da estética narrativa e suas conexões com o público.

Agora, dedico a página final em buscar caminhos que contemplem uma das perguntas que movem este trabalho: “quais as contribuições de um livro de jornalismo ambiental, feito por jornalista em imersão no local de apuração, para o jornalismo como um todo?”. O jornalismo, como campo do conhecimento, pode direcionar mais profundamente seus olhares e buscar relações. É costumeiro nos depararmos com conteúdos ambientais propostos em formatos mais longos e neste caso, de *Banzeiro Òkòtó*, é comprovado que o formato extenso foi bem sucedido, pois permite conexões mais bem trabalhadas - alcançando suas proposições. A obra analisada é um elemento que marca a oposição entre os formatos de apuração. Investir em coberturas especializadas e duradouras é positivo para a cobertura do acontecimento (no sentido contudístico), mas, também, para a própria credibilidade do veículo responsável, pois torna-se referência na pauta e alcança novos públicos.

O jornalismo ambiental desenvolvido por Eliane Brum, em *Banzeiro*, tem muito de realismo afetivo - essa forma afetiva que emerge do encontro do texto e do corpo de quem lê. Colocar-se no texto revelando emoções cria conexões entre emissor e receptor. O jornalismo pode continuar explorando este caminho, haja vista seu desempenho no livro analisado aqui. Em paralelo a presença das emoções nos produtos jornalísticos, reitero a importância de um

olhar narrativizante nas/os repórteres. Assim como o uso de emoções na narrativa do texto, o olhar exige conhecimento prévio e amplo, o que também demanda especialização e investimento. Aqui, mais uma reflexão. Até que ponto conseguimos tratar de abordagens e narrativas sem debater o sistema de financiamento dos veículos jornalísticos?

Um jornalismo que reconhece o *outro* demanda proximidade e interesse pela pauta. As pautas que serão trabalhadas podem ser melhor escolhidas se com repórteres imersas/os no local de apuração. A escolha das fontes passa muito por exercícios de observação - possíveis se houver investimento, tempo e dedicação. O jornalismo tradicional pode deixar de ser tradicional e aderir mais intensamente alternativas de pauta e de narrativa, variando seus estilos. E não se trata de possibilidades, mas de urgência para minimizar os impactos das crises climática e do conhecimento. O jornalismo ambiental é fonte de referências e de caminhos possíveis ao jornalismo como um todo.

Como propõe Djamila Ribeiro (2021, p. 64), “O falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas a poder existir”. O jornalismo pode devolver o direito à existência aos públicos invisibilizados pelo sistema ainda colonialista, afinal, são essas comunidades e modos de vida atacados que podem nos fornecer alternativas de resistência ao fim do mundo, para além de comunicação, mas nos aproximando de como viver dignamente, sem a necessidade incansável de consumo que nos foi implantada, enquanto sociedade em geral.

O jornalismo, para além de preencher o quebra-cabeça informativo diário, é documento. Documento enquanto prova de denúncia e enquanto registro para o futuro conhecer seu passado. É preciso que tais documentos, no futuro, sejam compreendidos da melhor forma possível e que retratem as situações com todos os seus contextos - de pluralidade, diversidade e polifônicos, como é o Brasil. Todo documento tem sua validade e, enquanto jornalistas, é preciso trabalhar com a precisão nos registros. É preciso muitas coisas. Apuração. Conhecimento prévio. Estratégias. Relações. Caminhos. Responsabilidade. *Banzeiro Òkòtó: Uma viagem à Amazônia Centro do Mundo* é tudo isso, mas é, acima de tudo, documento - que tem validade. Validade para denunciar, para registrar e para nos ensinar sobre um fazer jornalístico alternativo, a partir de olhares que valorizam a pauta ambiental.

## REFERÊNCIAS

ABIB, Tayane Aidar; VIVAR, Jesús Miguel Flores. **O expediente da argumentação no**

**jornalismo de Eliane Brum: análise de suas colunas ao El País Brasil.** 2018. Comunicação & Inovação, PPGCOM/USCS, v. 19, n. 40 (24-38) maio-ago, 2018. Disponível em: <[https://www.seer.uscs.edu.br/index.php/revista\\_comunicacao\\_inovacao/article/view/5175/2471](https://www.seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/5175/2471)>. Acesso em: 19 nov. 2023;

ABIB, Tayane Aidar; VENTURA, Mauro de Souza. **O Jornalismo de Desacontecimentos: Um Estudo da Produção Noticiosa de Eliane Brum.** 2013. XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – Bauru - SP – 03 a 05/07/2013. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/sudeste2013/resumos/R38-1545-1.pdf>>. Acesso em: 19 nov. 2023;

AGUIAR, Pablito. **Almoço: uma conversa com Eliane Brum** / Porto Alegre, RS: Arquipélago, 2022.

AMARAL, Márcia Franz. *Lugares de Fala: um conceito para abordar o segmento popular da grande imprensa*, in **CONTRACAMPO: Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação.** Niterói: Instituto de Arte e Comunicação Social, 2005. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/17388/11025>>. Acesso em: 06 jul. 2023;

BAZZO, Gabriela Santos. **Jornalismo dos invisíveis: os diferenciais no jornalismo de Eliane Brum.** 2011. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal de Santa Catarina, 2011. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/121120/299441.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em 19 nov. 2023;

BELMONTE, Roberto Villar. **O Jornalismo ambiental: três perspectivas em cinco décadas de especialização no Brasil megadiverso.** 2020. Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2020. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/214035>>. Acesso em 06 jul. 2023.

BELMONTE, Roberto Villar. **Uma breve história do jornalismo ambiental brasileiro.** 2017. Revista Brasileira de História da Mídia, 2017. Disponível em: <<https://comunicata.ufpi.br/index.php/rbhm/article/view/6656/3817>>. Acesso em 06 jul. 2023;

BOFF, Felipe. **Giro descolonial e pensamento de borda no jornalismo de Eliane Brum.** 2022. Revista Interinstitucional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC Minas e da UFMG, 2022. Disponível em <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/dispositiva/article/view/29461/20425>>. Acesso em 06 jul. 2023 ;

BOFF, Felipe. **Reportagem: Transgressão nas fronteiras do jornalismo.** 2011. Dissertação de mestrado, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2011. Disponível em: <<https://www.google.com/url?q=http://biblioteca.asav.org.br/vinculos/tede/FelipeBoffComunicacao.pdf&sa=D&source=docs&ust=1688669770619548&usg=AOvVaw2hxntebONheiwfL8R9Jd7z>>. Acesso em 06 jul. 2023;

BRUM, Eliane. **Banheiro òkôtô: Uma viagem à Amazônia Centro do Mundo** / Eliane Brum. / 1ª ed. - São Paulo : Companhia das Letras, 2021;

BRUM, Eliane. **Brasil, construtor de ruínas - um olhar sobre o país, de Lula a Bolsonaro**. Porto Alegre : Arquipélago Editorial, 2019.

BRUM, Eliane. Eu sou uma escutadeira (entrevista). In: MAROCCO, Beatriz. O jornalista e a prática – entrevistas. São Leopoldo, RS: Ed. Unisinos, 2012, p. 71-93;

BUENO, Wilson da Costa. **Jornalismo Ambiental: explorando além do conceito**. 2017. Desenvolvimento e Meio Ambiente, n. 15, p. 33-44, 2007. Editora UFPR. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/made/article/download/11897/8391>>. Acesso em: 06 jul. 2023;

CAMANA, Ângela. Conflitos ambientais, uma pauta central para o jornalismo, in GIRARDI, Ilza Maria. **Jornalismo ambiental: teoria e prática [livro eletrônico]** / organizado por Ilza Maria Tourinho Girardi ... [et al.] – Porto Alegre: Metamorfose, 2018, pp. 125-134;

CARNEIRO, Sueli. **Mulheres em movimento**. 2003. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9948/11520>>. Acesso em: 06 jul. 2023;

CARVALHO, Carlos Alberto de. Apontamentos teóricos e metodológicos para compreender as vinculações sociais das narrativas, in: **Narrativas e poéticas midiáticas: estudos e perspectivas**. / Bruno Souza Leal e Carlos Alberto de Carvalho (orgs.). São Paulo: Intermeios, 2013, pp. 49-63;

FANTE, Eliege Maria; MORAES, Cláudia Herte de. Políticas públicas ambientais: uma fonte indispensável para reportagens jornalísticas, in GIRARDI, Ilza Maria. **Jornalismo ambiental: teoria e prática [livro eletrônico]** / organizado por Ilza Maria Tourinho Girardi ... [et al.] – Porto Alegre: Metamorfose, 2018, pp. 87-109;

GERAQUE, Eduardo. Perceber a biodiversidade, in Vilas Boas, Sergio. **Formação & informação - ambiental: jornalismo para iniciados e leigos** / São Paulo: Summus, 2004

GERAQUE, Eduardo. Sistemas ecológicos, in Vilas Boas, Sergio. **Formação & informação - científica: jornalismo para iniciados e leigos**. São Paulo: Summus, 2005.

GERN, Augusta; LIMA, Myrian Del Vecchio de. Aprender e ensinar o jornalismo ambiental, in GIRARDI, Ilza Maria. **Jornalismo ambiental: teoria e prática [livro eletrônico]** / organizado por Ilza Maria Tourinho Girardi ... [et al.] – Porto Alegre: Metamorfose, 2018, pp. 25-38;

GIRARDI, Ilza Maria; SCHWAAB, Reges; LOOSE, Eloisa Beling; MASSIERER, Carine. **Caminhos e descaminhos do jornalismo ambiental**. 2012. C&S – São Bernardo do Campo, v. 34, n. 1. 2012. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/CSO/article/view/2972/3136>>. Acesso em: 06 jul. 2023;

GIRARDI, Ilza Maria. Um semestre muito especial: O surgimento da primeira disciplina de jornalismo ambiental, in GIRARDI, Ilza Maria. **Jornalismo ambiental: teoria e prática [livro eletrônico]** / organizado por Ilza Maria Tourinho Girardi ... [et al.] – Porto Alegre: Metamorfose, 2018, pp. 13-24;

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Tradução: Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas, SP:

Papirus, 1995.

KOYRÉ, Alexander. **Do mundo fechado ao universo infinito**. São Paulo: Forense-Universitária/Edusp, 1979;

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil** / Ailton Krenak ; pesquisa e organização Rita Carelli. - 1ª ed. - São Paulo : Companhia das Letras, 2020;

LAFUENTE, Gumersindo. O jornalista e os maus costumes (entrevista, parte 2). In: MAROCCO, Beatriz. O jornalista e a prática – entrevistas. São Leopoldo, RS: Ed. Unisinos, 2012, p. 219-223;

LEAL, Bruno Souza. **Introdução às narrativas jornalísticas**. Porto Alegre: Sulina, 2022.

LEAL, Bruno Souza. O jornalismo à luz das narrativas: deslocamentos, in: **Narrativas e poéticas midiáticas: estudos e perspectivas**. / Bruno Souza Leal e Carlos Alberto de Carvalho (orgs.). São Paulo: Intermeios, 2013, pp. 25-47;

LEFF, Enrique. **Discursos Sustentáveis** / Enrique Leff ; tradução de Silvana Cobucci Leite. - São Paulo : Cortez, 2010;

LEFF, Enrique. **Epistemologia ambiental** / Enrique Leff ; tradução de Sandra Valenzuela ; revisão técnica de Paulo Freire Vieira. - 4. ed. - São Paulo : Cortez, 2006;

LOOSE, Eloisa Beling; MORAES, Cláudia Herte de. Mudanças do clima (e de pauta!), in GIRARDI, Ilza Maria. **Jornalismo ambiental: teoria e prática [livro eletrônico]** / organizado por Ilza Maria Tourinho Girardi ... [et al.] – Porto Alegre: Metamorfose, 2018, pp. 111-124;

MANO A MANO. Podcast Spotify Studios MANO A MANO. São Paulo. Disponível em <<https://open.spotify.com/episode/5WvQsSL28vj1rkz2QFYAJZ?si=cJVbmyI5TQygbJQ1iGvf0A>>. Acesso em: 06 jul. 2023;

MARIANO, Agnes Francine de Carvalho. **Eliane Brum e a arte da escuta**. 2011. Em Questão, Porto Alegre, v. 17, n. 1, p. 307-322, jan./jun. 2011. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/15047/14436>>. Acesso em: 19 nov. 2023;

MAROCCO, Beatriz. **Ações de resistência no jornalismo: “Livro de Repórter”** / Beatriz Marocco. Florianópolis: Insular, 2016;

MAROCCO, Beatriz. **O jornalista e a prática : entrevistas** / Beatriz Marocco, - São Leopoldo, RS : Ed. UNISINOS, 2012.

MAROCCO, Beatriz; ZAMIN, Angela; SILVA, Marcia Veiga da (Org.). **Livro de repórter: autorialidade e crítica das práticas**. Santa Maria/RS: FACOS-UFSM, 2019. Disponível em: <<https://www.ufsm.br/editoras/facos/livro-de-reporter>>. Acesso em: 06 jul. 2023;

MORIN, Edgar. Por um pensamento ecologizado. In: CASTRO, Edna; PINTON, Françoise. **Faces do trópico úmido**. / Belém, UFPA/NAEA, 1997. p. 53-77;

MOTTA, Luiz Gonzaga. Por que estudar narrativas?, in: **Narrativas Midiáticas** / Célia Ladeira Mota, Luiz Gonzaga Motta e Maria Jandyra Cunha (orgs.). Florianópolis: Insular, 2012, pp. 23-32;

MOTTA, Luiz Gonzaga. Jornalismo e configuração narrativa da história do presente, in **E-Compós**, ed. 1, 2004. Disponível em: <<https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/8>>. Acesso em: 06 jul. 2023;

RESENDE, Fernando Antônio. **Textuações: Ficção e Fato no Novo Jornalismo de Tom Wolfe** / Fernando Antônio Resende - São Paulo : Annablume : Fapesp, 2002.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de Fala**. São Paulo : Sueli Carneiro. Editora Jandaíra, 2021;

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018;

SCHWAAB, Reges. Jornalismo, Ambiente e Reportagem Ampliada, in GIRARDI, Ilza Maria. **Jornalismo ambiental: teoria e prática [livro eletrônico]** / organizado por Ilza Maria Tourinho Girardi ... [et al.] – Porto Alegre: Metamorfose, 2018, pp. 69-85;

SERELLE, Marcio. A reportagem autorreflexiva. REVISTA FAMECOS (ONLINE), v. 25, p. 30, 164, 2018. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/30164>>. Acesso em: 19 nov. 2023;

SERELLE, Marcio. O outro e o mesmo nas reportagens de Eliane Brum. In: SERELLE, Marcio; SOARES, Rosana. (Org.). **Mediações críticas: representações na cultura midiática**. 1ed. São Paulo: ECA/USP, 2017, v. 1, p. 14-29. Disponível em: <<https://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/182>>. Acesso em: 19 nov. 2023;

SOARES, André Geraldo. **A natureza, a cultura e eu: ambientalismo e transformação social**. André Geraldo Soares. Blumenau : Edifurb ; Itajaí : Ed. da Univali, 2003.

SUMAÚMA. Portal da plataforma de jornalismo SUMAÚMA. Pará. Disponível em: <<https://sumauma.com/quem-somos/>>. Acesso em: 06 jul. 2023;

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: a tribo jornalística - uma comunidade interpretativa transnacional**. v.2, 3. ed. Florianópolis: Insular, 2013.

TUFFANI, Maurício. Ciência e interesses, in Vilas Boas, Sergio. **Formação & informação - científica: jornalismo para iniciados e leigos** / São Paulo: Summus, 2005;